Para o arquivo!

MADRUGADA

1

J. A. LEITE & Cia Ltda

(Fundada em 1884)

AVIAMENTOS CONSIGNAÇÕES E NAVEGAÇÃO.

GRANDES ARMAZENS DE ESTIVAS FAZENDAS E MIUDEZAS

NAVEGAÇÃO PERMANENTE PARA OS RIOS: PURÚS — ACRE E JURUÁ
TARUACÁ COM AS EMBARCAÇÕES:
« Aiapuá » « Industrial » « Minas Gerais » « Guiomar » e « Maripuá »

AGENTES GERAIS PARA O AMAZONAS DA SHELL BRAZIL LIMITED

Ruas Guilherme Moreira, 216 e Marcílio Dias, 171

Telegramas GUAJARÁ CAIXA POSTAL, 74

TELEFONES 1522 2239 e 2250

PNEUS "BRASIL"

Para automóveis e caminhões. Fabricados com a melhor borracha brasileira, tem uma duração apreciavel.

PRECOS ESPECIAIS.

Distribuidores:

J. SOARES, FERRAGENS, S/A.

RUA DOS BARÉS - 33/51

FONES 26-53 e 16-51

Cooperativa Banco Popular de Manaus Limitada

Rua Guilheme Moreira 712

Paga os melhores juros e concede as melhores vantagens

Manaus Amazonas

UM CRITÉRIO

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MARIO UGARINO MONTEIRO

Sempre acreditamos que os grandes movimentos de idéias foram movidos pelo encadeamento de princípios, codificados ou não, porém, nitidamente, definidos. A difusão dêsses, entretanto, enfrentaram, no seu início dificuldades quase que insuperáveis, só demovidas pelo ideal que impulsionaram aquêles que se propunham a efetivá-los. Vencida a primeira fase, compreendida pelo agrupamento de elementos capazes de realizar, dentro de uma coletividade, os princípios enfeixados num corpo, apresenta-se a necessidade da transmissão, através de um órgão mensageiro, que possa levar pela palavra escrita os ensinamentos e empreendimentos base do organismo geral dos ideais abraçados.

Na conjuntura atual, quando as dificuldades se multiplicam em função da apatia dos neutros criminosos, vê-se o Clube da Madrugada, reptado a sobrepujá-las, afirmando-se dentro de seus princípios sadios de renovação, pelos quais luta numa campanha inglória para aquêles que desdenham da mocidade contemporânea, todavia, gloriosa para nós que acreditamos na causa defendida pela mocidade nova do grupo em que nos reunimos.

Nasce nossa revista, portanto, desta necessidade imperiosa de propagar as idéias que se acumulam nesta coletividade, surgida, agora no Amazonas, cuja finalidade primordial, já apresentada no Manifesto publicado, em outro lugar desta revista, expressa, lìdimamente, tudo quanto pretendemos construir, no Amazonas, quiçá no Brasil, em favor da renovação da cultura da mocidade, sem a qual, não poderá nossa Pátria sobreviver aos impactos rudes que teremos de enfrentar.

Entregamos, desta maneira, ao público ledor para que faça o necessário julgamento de nossos intentos, no seu proverbial senso crítico, a Revista MADRUGADA, órgão publicitário do Clube da Madrugada. Agradecemos, no ensejo, as pessoas que ainda crêem na pujança de nossa capacidade e no ideal que nos anima, a colaboração sincera, a fim de que podéssemos colimar mais êste sonho.

ROUBO FRUSTADO

CONTO DO MÊS

HUMBERTO PAIVA

Na próxima semana reunir-se-iam no local combinado. Iriam realizar um roubo.

Lucas, rapaz imberbe, saira dias atrás da cadeia, vítima de um furto sem sucesso; péssimo prestidigitador, desconhecendo muito dos segredos da nova modalidade de roubo que tomaria parte, o feito em residência, não desanimara do seu primeiro insucesso. Jutamente com Alfredo, um verdadeiro mestre nessa arte, envolver-se ia numa nova tentativa. Todos os planos haviam fielmente traçados e estudados, não pairando nenhuma sombra de dúvida de vir a fracassar. O dia chegou.

Dirigiram-se para a casa escolhida, e iniciara o trabalho. Com auxíilio de uma finíssima pinça, Alfredo deslocou a chave que ficara na fechadura, pela parte de dentro; antes, introduzira um jornal por baixo da porta, rente ao assoalho, evitando qualquer ruido. A gazua que trazia, incumbisse de abreviar o restante do trabalho. Penetraram na casa perscurstando, cuidadosamente, todos os lances do andar térreo. Na sala da frente apossaram-se de um relógio e algumas joais de mulher: revelavam, pelo desleixo com que haviam sido abandonadas, na mesa, a pressa de que estava possuido o seu dono. A casa estava em trevas, silêncio absoluto. A inexperiência de Lucas começou a manifestar-se pela impaciência de visitar todos os quartos sem atinar para qualquer resquício de perigo: a facilidade encontrada até ali contribuira para isso. Alfredo chamou atenção do companheiro. Pediu-lhe que ficasse atento para qualquer barulho, enquanto procurava desligar a chave geral da luz. Era o meio de obter melhor êxito no trabalho. A chave foi desligada. Explorado o andar térreo, subiram. A escada ajudou-os sem nenhuma rangedura.

O andar superior, compunha-se de três quartos. Alfredo usando a laterna que trazia penetrou no primenro, iluminando cuidadosamente. No guarda-roupa embolsaram um relógio de algibeira e um carteira de cedulas recheada. Lucas, mais afeito, incumbiu-se ainda de esvaziar o conteúdo de uma bolsa de mulher. Vários outros objetos de valor foram anida surrupiados. Na parede um diploma de engenheiro, emoldurado num quadro, ornamentava-a. Os seus ocupantes não demonstraram o mais leve sinal de terem percebido os larápios: dormiam tranquilmente. Encerrada a busca, Alfedo advertiu que deveriam retirar-se, estavam bem abastecidos. Lucas obsteve-se, alegando que restavam visitar outros quartos, talvez tivessem mais sorte ainda. Alfredo terminou cedendo. O destemor do companheiro o preocupava, sabia por experiência, o furor que domina os iniciantes nêsse ofício. Propôs-lhe que só mais um quarto visitaria.

Chegaram ao quarto. Alfredo ficou na porta de sobreaviso, para qualquer emergência: um vago pressentimento ativava-o. Lucas entrou, utilizou-se da lanterna. Permaneceu em pé, parado, enquanto os olhos açambarcavam todo o perímetro da sala. Deitada numa cama, proxima à janela entreaberta, uma linda jovem dormia; a desordem nos seus trajes era visível. Um elegante vestido de baile, cobria-lhe o corpo. Um dos lados do sapato não havia sido descalçado. O cosntante revolupear n cama, deixara uma nesga das coxas a mostra. Um magnífico colar dourada, envolvia-lhe o pescoço. O foco da lanterna de Lucas sôbre a joia, dava-lhe um brilho fascinante. Aproximou-se da cama. Seus olhos anunviaram-se durante algum tempo. Cenas da prisão surgiram-lhe nítidas. Trêmulo, ao ouvir o relógio soar as horas, lançou as mãos o contacto obtido cousou-lhe um caláfrio. A lanterna rolou pelo chão, ruidosamente. Gritos vigorosos chegaram-lhe aos ouvidos.

Alfredo percebendo a asneira do companheiro apressou-se em abandonar o local usando a escada que ficava na cosinha no andar térreo.

Para Lucas tudo passou-se de meneira incompreensível. Despertou numa cela, sentindo dores horríveis no corpo. Uma de suas mãos estava rígida e fechada. Abriu-a Na palma, o elo de um colar colar de ouro apareceu-lhe. Sacudiu a cabeça, reuniu tôdas as suas forças e tentou recordar se do que havia acontecido. Insucesso. Adormeceu.

MANIFESTO

No momento em que o Brasil sofre uma crise total em tôdas as suas fôrças intelectivas, morais, educacionais, econômicas e sociais, a mocidade consciente do Amazonas, agrupada sob a égide do Clube da Madrugada, une-se para defender esta herança social inesgotável que herdamos de nossos antepassados, em cujas causas concernentes à debacle, atuam grupos de caráter negativo anacrônicos, divorciados da realidade brasileira e defensores de posições cômodas e de princípios apátriadas.

Nesta senda, quanto mais penetramos, apresentam-se fatôres desintegradores que clamam por uma tomada de posição definida por parte da mocidade, em tôrno dos problemas que se nos atolham prementes, menosprezados por esta geração que passa, e que em dias muito breves virão acarretar conseqüências imponderáveis para o alicerçamento de nossa cultura na sua formação geral.

Se analisarmos, mais profundamente, a contextura total de nossa sociedade, iremos encontrar nos elementos que formam a nossa elite intelectual dirigente, uma apatia criminosa, no que diz respeito à formação e renovação de valores, que serão responsáveis vindouros de nossos destinos, e, subseqüêntemente continuadores de nossa posição continental. Semelhante atitude gera, nos moços, uma repulsa que nos impulsiona a restaurar esta contextura social, e apresentar novo programa de ação, com a finalidade primordial orientada no sentido de elevação dos padrões intelectuais, morais, econômicos e sociais.

Face a esta situação, o Clube da Madrugada define-se perante as várias categorias que o pensamento humano expressa:

Literatura: Não há literatura no Amazonas. Primeiro, fatôres culturais e morais determinaram nos homens ditos de letras, uma posição acomodatícia, geradora de um individualismo exacerbado, cuja conseqüência derivou o afastamento de valores positivos que pudessem fazer perigar o seu totemismo aceito como absoluto. Segundo, fatôres de ordem econômica contribuiram para que elementos de valor intelectual procurassem novos meios, onde espíritos esclarecidos lhes ofereciam melhores oportunidades,em virtude de seu talento. Como prova do que asseveramos, vimos estes elementos afirmarem-se nos meios centralizadores do pensamento, onde a luta pela expressão das idéias não era sustentada por oligarquias intelectuais, fenômeno êste instituído no Amazonas, há longa data. Fácil será observar o que acontece na esfera convecionada chamar-se acadêmica, onde campeia a servidão a estilos e idéias antiquadas, importadas diretamente da Europa, no século passado. Desconhecem francamente, por meio de um indiferentismo olímpico, a existência de um literatura puramente nacional. Tal ignorância redunda, conseqüêntemente, numa arrogante indiferença diante dos proprios valôres da terra. Porque êstes procuram renovar idéias e conquistar formas novas de expressão e não encontram apôio numa crítica evoluída. Disto resultou o êxodo anual de moços em direção do Sul do País.

Porisso o Clube da Madrugada inspira-se nos elementos formadores de nosso ambiente, para a efetivação de uma literatura condizente com os princípios de liberdade imanentes ao artista, na sua expressão literária, conjugados com os ítens acima referidos, os quais estratificam uma literatura sadia. Desde já, o Clube da Madrugada exproba o patrocínio de dogmas do Estado e de elementos que queiram fazer instrumento seu, a obra que pretendemos edificar.

Escultura, Pintura e Arquitetura: Infelizmente, *stricto sensu*, não há os três ramos de Arte marginados, no Amazonas, digna de menção. Os resquícios que por ventura existem não formam uma unidade, no ambiente intelectual. Não apresentando material necessário a uma análise, nos abstemos de aprofundar, neste particular, uma crítica dentro dos ditames da arte.

Sociologia: Apesar de o Amazonas ser uma unidade da Federação, que apresenta elementos vastíssimos para a pesquisa sociológica, apenas temos alguns estudiosos que se detêm nos problemas superficiais que afetam nossa região. Lastimável sob todos os aspectos, principalmente, para a valorização do amazônida, quando a presente conjuntura se preocupa na revalidação dos padrões que regem a Ciência Social, que tem por objeto a integração do homem no meio cultural. A ciência do homem, que hoje revela os mútiplos ângulos pelos quais o indivíduo é envolvido na sua mesologia, é ainda, no Amazonas olhada com a desconfiança dedicada à magia negra, na Idade Média. Vive-se, dêste modo, prêso a um imediatismo criminoso responsável pela incúria em que, atualmente, se encontra o homem da gleba. Tanto assim que, as pesquisas mais sérias realizadas na região, são aquelas feitas por entidades ali-

Continua na pag. 32

SONETOS E POEMAS DE JORGE TUFIC

JORGE TUFIC Alauzo nasceu em Sena Madureira, 31 de janeiro de 1932. Reside em Manaus do ano de 1945 para esta parte. Dêsde muito se dedica à poesia, cuja obra permanece quase tôda inédita, excessão de alguns sonêtos e poemas publicados em jornais e revistas. Pertence ao movimento modernista do qual é um dos mais brilhantes expoentes no Amazonas.

SONÊTO V

Vens perfume em manhãs de brisas castas
com teu diadema sôlto em pedrarias;
enches o ar, brilhas no chão, com ventanias
e por tôdo o meu ser teu corpo arrastas.

Quero ter-te nas mãos; elas são hastas
que se erguem presas e retornam frias;
ter-te em meus olhos de ânforas vazías
onde tua luz pálidamente engastas.

Que és tôda a miragem dêsse outono
que anda em résteas de sombra nos caminhos
sôltas as tranças de ouro em abandono.

Vens para mim na branca transparência
que se fez cinza pela voz dos ninhos
para cantar na sombra... a eterna ausência.

IMAGEM

O espelho qual um cais na solidão do quarto cheio
de oceano,
de longe a tua imagem retratou:
tôdos os mareantes estavam mortos
no convés de teus lábios...

(de "Argila I")

NA VARANDA DE PÁSSAROS

Na varanda de pássaros, o vulto
acontece com rosas, e o perfume
longe prêso na aurora que lhe brota
em sangue da manhã que fôra um dia

vigília. Os jarros enchem-se de côres
lábio após lábio as pétalas rescendem
convite. Por dentro as fontes descem
relva e cristais sonhados em miragem.

Por momentos o vulto lava o mundo
derramando das mãos estrêlas vivas
sôbre ruas mendigas de esperança.

Por momentos o vulto encerra o mundo
e anda por tôda a casa se buscando
quando a noite lhe nega a côr dos olhos.

SONHO

Um cristal nos separa de nós mesmos
e dá-nos transparência, em que através
de rútilas miragens somos outros
que há tanto, em tempos idos, aspiramos.

Buscamos nesse instante o que de raro
e longe de corrupção em nós existe;
e de estrêlas tecemos nossos sonhos
sem parecer no entanto que sonhamos.

O silêncio das coisas nos envolve
e sonho ainda maior que qualquer sonho
através das pupilas construimos.

Não castelos de brumas, que se apagam.
Mas algo que de eterno e sempre novo
jamais aos nossos olhos se revela.

(de "Argila II")

MAR

Sinto o seu rumôr oceano.
As pedras em que piso são moluscos
chão de aquarios onde peixes
de tôdas as perspectivas me contenplam.
O cristal duro não se parte.
E os peixes se multiplicam pelas mãos
dos que tentam captá-los, circunspectos,
peixes por cujos olhos marinheiros
nossas frontes impressas se desgastam.

INSCRIÇÃO

Na pedra do tempo
repouso o cadáver
navega o silêncio
em seu corpo nenhum.
Seu hábito breve
tem gôsto de nuvem
e as mãos não lhe cansam
de um nome apagar.

(do "CONTA-GÔTAS")

I

Porque te espero antes de minha espádua
teu gesto me antecipa em teu alcance
de estátua cujas mãos guiam de longe
a direção dos pássaros errantes.

Porque modélo em ti minha tristeza
em adeuses de cantos que não faço,
sinto tua voz de extinta primavéra
que me diz o que sou quando não vens.

És para mim como um silêncio breve
sob o qual te moldassem mãos fugaces
de artistas prisioneiros em meu sonho.

ou de uma fonte súbita por onde
passaste com teu corpo inconcebido
pelas águas do tempo em que te esculpo.

EPISODIO

Parêde feita de cascos de tartaruga
moluscos e ouvidos em concha
que submergem num transe contorcido
de águas quebradas. O mar é verde
e a paisagem que sai do hábito
das balêias convertidas em silêncio
derrama de suas lâmpadas fosforescentes
uma envolvente tristeza de luas.
Neste mar de cabeleiras revoltas
a bailarina que nasce com albôres do sol
volta de mais um número cançada.
Deita-se molemente na areia branda
e seus braços marinhos se quedam
numa esplêndida geometría de
peixes adormecidos.

(de "Sonêtos e Episódio")

A Amazônia na cultura de subsistência

Conquanto tratemos aqui da necessidade de se desenvolver uma agricultura de subsistência, para atendimento às populações seringalistas, convém lembrar que as culturas de pequeno ciclo, nas várzeas amazônicas, poderão vir a constituir, em futuro não remoto, uma das maiores fontes de produção de gêneros alimentícios para exportação. O arroz encontra alí seu melhor ambiente, como terra e como clima. A população da Terra cresceu de um bilhão para dois bilhões e duzentos milhões, em um século, isto é, entre 1840 e 1940. Metade dêsse enorme estoque humano, sempre em progressão, tem fome de trigo; a outra metade possue o arroz como alimento básico. As zonas produtoras de trigo, graças à técnica e aos corretivos agrícolas, vêm atendendo mais ou menos satisfatóriamente, ás exigências do consumo mundial. As áreas produtoras de arroz, no quadrante asiático, trabalhadas desde há milênios e por processos rudimentares, tendem ao esgotamento do que ocorre nas margens do rio Amarelo, na China, e no território idiano. A Amazônia, com o poder de nutrição de suas várzeas, constantemente revigoradas pela colmatagem, mais cedo ou mais tarde, será chamada a responder pelo suprimento de arroz ao mundo asiático. Por meio dêsses primeiros ensaios de cultura agrícola, caminhamos para nos converter no império orizícola, solucionando um dos futuros grandes problemas mundiais, no plano alimentar.

Cosme Ferreira Filho, in A Borracha na Economia Amazônica.

AS FORMAS ATUAIS DE HUMANISMO

PAULO DE ALENCAR

A característica fundamental de determinada época ou cultura está no equacionamento da presença do homem em tal época ou cultura. Êste equacionamento é o problema central do humanismo dentro da história. Justificar a presença do homem no mundo, expressando esta presença em têrmos que estejam em função do tempo e da realidade do próprio homem; trabalhar numa concepção do homem colocando em evidência os seus valôres reais e erguer um mundo sólido em função dêsses valôres; em suma, realizar o homem e engedrar um mundo em que êle não esteja ausente — eis o denominador comum a que podemos reduzir o humanismo de todas as épocas. De acôrdo com conceito que se faça de homem podemos partir desse denominador comum para soluções adversas do problema do homem na história. Assim temos duas formas gerais de humanismo subordinadas, cada uma, a um conceito: seja o homem considerado simplesmente como animal dotado de razão, cujo destino se esgota no plano natural, seja o homem considerado animal racional, com seu destino a ser realizado num fim que lhe é transcendente.

Na história do homem essas duas formas gerais de humanismo se realizam alternativamente, adquirindo coloridos particulares a cada época. O homem pagão encarna o humanismo de tôda antiguidade clássica, no qual as noções de indivíduo e pessôa não se distinguem senão obscuramente, precominando a primeira sôbre a segunda. Como observa Guerreiro Ramos deve-se fazer exceção aos judeus que viveram sob uma tensão trágica, a espera de alguma coisa (1)". O advento do cristianismo veio libertar o homem de plano natural e recolocá-lo no sentido do sobrenatural. Nêsse humanismo o homem é vocacionado a traçar o seu destino em correspondência com a trancendentalidade de sua origem e de seu fim último. O homem do humanismo clássico, estabelecido na era renascentista, é síntese de uma inversão de valôres. Êsse humanismo considera o homem como centro de si mesmo, do que lhe vem a denominação de "antropocêntrico". Resgatado gradativamente da últimas influências do humanismo medieval, êsse humanismo seguiu uma trajetória histórica que o conduziu a um têrmo trágico, onde, mais decididamente que nunca, situou-se o último fim no próprio homem. Na consideração da dialética do humanismo antropocêntrico, do ponto de vista da cultura, Jacques Maritain bem analisa a gravidade dêste momento histórico, no qual o homem, "para reinar sôbre a naturêza, sem ter em conta a sua naturêza, e, na realidade, constrangido, em sua inteligência e em sua vida, a se subordinar cada vêz mais à necessidades não humanas, mas técnicas, e às energias de ordem material que êle usa e que invadem o próprio mundo humano (2)".

Dêste têrmo histórico de um humanismo desumano, que desviou o homem de sua vocação espiritual e colocou num acondicionamento material angustiante, surge o problema de um novo humanismo. Estamos em uma encruzilhada. Aquelas duas formas gerais de humanismo a que aludimos no inicio do presente artigo delineiam-se em formas atuais, as quais disputam a prioridade na reabilitação do homem, "na realização do homem novo". Assim temos o humanismo socialista, o humanismo existencialista e o humanismo cristão. Por uma analise de natureza de cada uma dessas formas atuais de humanismo atingiremos ao escopo que o título dêste artigo sugere.

O humanismo socialista admite explícitamente a absorção do homem pela sociedade. É o homem fruto de uma evolução histórica pela qual êle se liberta progressivamente das fôrças opressivas que o tornam escravo. Para êste homem urge contruir um mundo social em que esteja acondicionado de modo total a um fim único e último: o bem comum. Êsse "bem comum" é realizado pela satisfação das necessidades materiais da comunidade por um esfôrço impessoal. Oprimido sôb tal estrutura social o homem fica reduzido a uma escravidão mais infame que aquelas por que passou por tôda sua evolução historica.

O humanismo existencialista concebe um homem "senhor único de sua existência que não existe senão por êle, já que por sí mesmo a existência

Continua na pagina 29

MENTIRA e RELIGIÃO

ORIGENES MARTINS

Saimos à rua com nossa revista. Prontos para a luta. Decididos na defesa de nossos ideais. De tudo aquilo que achamos dever acreditar, amar e defender.

Muita gente se preocupa com o Clube da Madrugada. Sobretudo porque o seu nome não é tão pomposo. Não está de acôrdo com a ética da sociedade mistificada por aparências farisaicas. Há um grupo de pessoas que teme todas as vezes que jovens idealistas fazem qualquer cousa independentemente, sem consultar os tabús, os "ajuizados" e sem emitir convites de abertura e festas feitas em salões luxuosos. Para êsses, só há um jeito mesmo. É continuarem a ter mêdo. Que se preparem para a luta, tambem.

O mundo está passando (é lugar comum) por reformas,renovações. Já se fizeram experiências. Já se colheram frutos dessa experiencia. Decepcionates, mormente quando diz repeito ao Homem, isto é à humanidade no homem. Em todas as maniestações das atividades do homem nota-se a angústia do novo, do inexplorado, do inexperimentado. Na pintura, na música, na literatura, na arquitetura, na própria Religião. No caso, é a Renovação do esprito religioso que nos interessa. É graças ao Espirito Santo, essa reforma (o têrmo é mesmo próprio) está se concretizando de um modo maravilhoso. Não é que a Religião precise ser reformada. É porque nós, cristãos padres, e freiras, a deformamos. Quizemos acompanhar um porgresso falso daqueles que tentaram transformar os homens em autômatos pela técnica. Esquecemo-nos da simplicidade com que a verdade nos leva a agir, para embarcarmos num mundo complicado, ne "festas de caridade" de devoçõezinhas "interesseiras" e de comércio com a Divindade por meio de promessas estupidas e materialistas.

O Cristianismo e muito dificil de ser vivido. É preciso não se ter medo do suor dos operários ou da feiura da cozinheira ou do lixeiro que tanto nos ajudam. Fé, Esperança e Caridade são virtudes que não nos permitem demagogia. Elas exigem uma tomada de consciência uma atitude. Há muitos que não têm valôr para tomar uma atitude Preferem agir em massa. Refugiam-se num estado de inconsciência espiritual ou criam uma religião-matéria-plástica; amolda-se de acôrdo com circunstâncias. Daí a chusma repugnante de cristãos em nossa sociedade, que praticam a Religião no que ela tem de secundário. Não procuram Deus, Santíssima Trindade, Jesús Cristo, mas os santos, para fazerem promessas. Não procuram os Sacramentos, parte positiva de uma vida cristã, mas esgueiram-se pelos Mandamentos da Lei de Deus, procurando medir até onde êles podem agir sem pecar Uma grande parte de fariseus oficiais se escudam num espírito de castidade forçada, transformando-se em demônios de orgulho e de maledicência. Outros há que, criminosamente, fogem do mundo e da sociedade, onde deviam ser velas acesas a espargir luz, para se apagarem no confôrto de casa ou no pieguismo das igrejas. E há aqueque praticam uma caridade muito contrária a do Evangelho com as duas mãos bem altas, fazendo tilintar o niquel com desejos de que soem como sinos para que todos oiçam e levantem incensos e elogios Uns pensam que apostolado é palavras e mais palavras, em sessões e reuniões áridas, fazendo uma verdadeira masturbação espiritual. E a característica geral de todos êsses é uma completa satisfação, conformidade com o estado de vida que levam.

Cont. na pág. 28

DESEJOS!

Moacir Couto de Andrade

Caminha, donzela...
Esparge o teu perfume,
de magia extranha e envolvente.
Tú és o sol resplandescente de luz,
de beleza, essência de meiguice.
Es poesia completa, és sonho, és vida,
és o proprio mundo envolto em mistérios...
Vendo-te, vejo os matises coloridos
que enchem os lampejos das pirmaveras.
Teus movimentos, como as Valquírias
destinadas aos puros, tem sublime
das santas e puresa das crianças.
Teus negros cabelos são o enlêvo
de minhalma,
no desvaneio dos meus versos,
eles pesam com a volubilidade dos metais
enchendo as minhas mãos de carinho...
Caminha donzela...
debutante da vida
anfitriã do baile dos meus sonhos.
Quero contemplar-te assim,
olhando a graça dos teus movimentos
respirndo o ar que te envolveu
e que veio impregnado de perfume.
Caminha donzela...
até que os meus olhos
na perspectiva das distancias
ainda possam sentir o magnetismo
da tua belesa de mulher!
Caminha donzela...

O TAMBORSINHO

FREITAS PINTO

Escutem...
Era uma vez ... toda história começa assim,
Um menino, um tamborsinho, um jardim,
[borboletas...
Para vocês... é uma història simples, banal...

Não, não é, nós vimos, sentimos, ouvimos, so-
[fremos...
Êle era todo nosso, todo nosso... todo nosso.
No jardim seus cabelos esvoaçavam...
Seus olhos iluminavam as flôres... as flôres

Seus pesinhos esmagavam a areia... a areia
.....
Nos nossos corações há muita areia esmaga-
[da... esmagada.
O jardim era alegre, florido, rufava o tambor-
[sinho.

Uma história sem graça para vocês...
Uma história vivida, tão curta, tão leve...
Um tamborsinho, um menino... flôres ilumi-
[nadas...
Sim... flôres iluminadas... êle era a luz...
[a luz

Eu e Ela perdemos a luz... a luz entre as flôres
Calou-se o tamborsinho, as flôres fecharam as
[suascorolas.
Manhã de sol alegre, pássaros cantores em
[festa...
Alguém trouxe uma caixa feia, uma caixa
[exquisita...

Nòs vimos tudo, tudo, num mundo diferente.
As nossas almas viajavam lado a lado... em
[silêncio...
Um dia de festa, sim, parecia uma festa...
Muitas pessôas amigas... alguns curiosos.

Todo mundo olhava para nós...
Nòs não estavamos ali, não, não.
Ouvimos uma prece... mùsica forrando a
[prece.
Muitos olhos olhando para os nossos olhos

.....
Mãos invisíveis fecharam a caixa exquisita...
Eu e Ela rolamos um abismo... o abismo da
[saudade...
.....
Nas alturas... muito longe de nós... rufou
[um tamborsinho.

BAÚ VELHO

FARIAS DE CARVALHO

No baú velho do inconsciente
mexendo papéis antigos
achei um mapa de sonhos.

Pedi emprestado ao tempo
as minhas mãos de menino
sentei num chão de memórias
chuzei as pernas cansadas
abri a caixa de armar
falei de novo com o tempo
pedi as pedras esparsas
juntei o quebra-cabeça
bati o pó e a saudade
e comecei a jogar.

Num ballee de simetria
as minhas mãos de menino
foram reconstituindo
em sonho, mapa e distância
a geografia física da infância :

— Ladeira do mercado, pedras soltas,
o mundo todo girando e rodando rebolando
dentro da meia rasgada
quebrando ceroulas, subindo as calçadas,
o mundo todo, inteirinho
amassado, sacudindo
debaixo dos pés do time.

Trapiche antigo, molecada nua
dos Barés, da Miranda, dos Andradas,
até os moleques que moravam mesmo
num batente qualquer de qualquer rua.

Saltos ligeiros, corpos gotejando
pingos de rio e pingos de desejos:
fúria que vinha incomsciente e pura
nas estranhas e novas sensações
das primeiras nervosas ereções.

Quintal cheio de sol
linha zero esticada
mão ligeira melada
espalhando seról.

Banda de asa no ar,
braços fortes colhendo.
rabo e linha, quedou !
bota outro medroso.

Velha praça da Igreja dos Remédios
do Monsenhor Oliveira e do Mané Sacristão;
missa chata aos domingos, logo de madrugada,
as beatas rezando sempre a mesma oração.

Mané doido mascando
Monsenhor celebrando
os moleques roubando
o vinho e o sagrado pão.

Mas, estão faltando pedras,
como é que eu vou trabalhar ?
As mãos tristes do menino
estão querendo parar
cansadas de tentativas
cansadas de jogo inútil.

Acho que o quebra-cabeça
vai ficar mesmo incompleto.
— Sempre um espaço a sobrar,
sempre uma pedra a faltar.
As mãos gastas do menino não podem continuar

Estão paradas no tempo,
cheias de pedras lisas,
de pedras feitas de nada
que não servem para jogar.

Estão paradas no tempo !

Ah ! tempo, tempo malvado,
tempo você me enganou.

Pedi o jogo emprestado,
pedi as mãos de menino
mas juro que não sabia
que você empresta sempre
cobrando um juro tão alto !

Continua na Pag. 12

Vou fechar meu baú velho.
carregue a caixa de armar.
— Leve as ruas, leve os dados,
leve as pontes, leve as bolas,
leve as torres dos castelos,
leve tudo, tempo, leve;

só quero que você deixe,
impressas aqui neste mapa
de sonhos e de lembraças
as mãos gastas do menino
que já estão ficando longe
sujas de ocaso de infância
sujas de você também.

Mas não me cobre êste juro,
você sabe muito bem
que eu já não sei mais chorar !

NOTICIA BIOGRAFICA

Rainer Maria Rilke nasceu em Praga em 1875. Poeta mundialmente conhecido, é autor das admiraveis Elegias de Duino poema que germinou anos a fio no subconciente do artista para, após doze anos de quase completa improdutibilidade brotar por um jato, ao longo de uma noite somente te. Precursor do movimento modernista na Alemanha, levando uma existencia tranquila e grávida das mais surpreendentes vivências no dominio da vida e da arte, Rilke é considerado pelas atuais gerações como o mais fiel ardente apologista da rosa.

Reiner possuia uma sensibilidade agudissima, que facilmente se distinguia tanto em seus escritos como na sua propria fisionomia de Poeta. Aquele "rosto de sonho" era bem, e êle mesmo confessa em um de seus poemas, como "a pôlpa de um fruto que o ar corrompeu". Poeta das coisas simples, cantor apaixonado dos amantes, dos noivos, das viuvas e dos anjos, a "face pura" da sua poesia transparece mais fortemente nas "Elegias de Duino", onda vasou sua incálculavel experiência de homem viajado; pois como êle próprio afirma será preciso conhecer muitas cidades e lugares históricos, para se escrever um verso.

Maria Rilke morreu em consequencia de um ferimento na mão, no momento em que colhia uma rosa, que destinava oferecer a uma linda mulher egípcia. (1926)

Nada mais interessante do que êsse fim! Nada mais fiel à imagem da natureza, acolhedora e adversa ao mesmo tempo! Em seu túmulo estão gravados os seguintes versos :

"Rosa pura contradição !
Delícia de não ser sonho de ninguém
entre tantas e tantas palpebras

CERVEJA BOHEMIA ✦

✦ A MELHOR

KIERKEGAARD,—O dialeta intrépido

ANDRÉ ARAÚJO

Sôrem Kierkegaard tem extraordinário e misterioso destino na filosofia contemporanea. Excessivamente combatido por uns e imensamente exaltado por outros, — o filosofo dinarmarquez, segundo seu proprio conceito, levantava dificuldades no campo do pensamento, para, — segundo conclusões que tiramos de Hoffding, no seu comentario sobre "Kierkgaard" — não haver conciliação entre o bem e mal, entre o erro e a verdade- evitando a tendenciosa miseria da conciliação dos contrarios, numa hipotetica harmonia entre todos os elementos contraditorios.

Em verdade, uma grande missão essa a de ser o esgrimista na luta contra o acordo do erro com a "*verdade*".

Entendendo que essa era sua missão, creou em torno de si mesmo um ambiente de hostilidade, pela franqueza com que falava, pela ironia socratica de que usava para destruir os homens e cousas de seu tempo.

Espirito notavel, inquieto, taciturno, concentrodo, ironico, mordaz, crendo no *infinito e no Misterio*, ele é bem a maior expressão do mundo nordico e representa a maior crise espiritual que ha sofrido um homem, depois da crise tremenda daquele imortabilissimo Leon Bloy.

Faminto de Deus, obsedado pela edeia da maldição de Deus em face de uma blasfemia lançada pelo pai, num momento de loucura, — Kierkgaard incorporou a ideia de culpa sobre sua propria pessôa e de sua familia; dai partindo para a noção de "*sofrimento*" de "*angustia*" de "*desespero*" por que sentia esses "aguilhões nas proprias carnes", segundo ele informa.

Os sofrimentos, as incompreensões, as lutas, as miserias que sofreu, a renuncia a que votou tudo que lhe podia ser de bom, pacifico, tranquilo, — todos esses aspectos marcaram na vida desse homem tristissimo e notavel, a sua marcha funebre sobre suas proprias desgraças, e, como cavaleiro da solidão, como irmão taciturno de todos nós, caminhou pela vida como um grande desgraçado, cheio da dignidade de seu genio, tendo a visão de um Deus Cruxificado, pelos homens. Desse ponto nasceu aquele conceito de "*temor e tremor*" que se deve ter de Deus, mesmo sendo Deus um Ser de Amor. O sentimento de uma culpa infinita, de umo triteza imensa, de uma angustia insuportavel ressaltam de toda sua obra volumosa e magnifica.

A leitura de tratados como: " Journal", "Le concept de l'angoisse", "Traité du Desespoir", "Temor e Temblor", "Diario de um seductor", "Étapes sur le chemin de la vie", "Vie et regne de lámour", "Les Miettes philosophiques", "Riens Philosophiques", "Ou bien... Ou bien...", e "Post-Scriptum aux Miettes Philosophiques", retratam, magnificamente, esse quadro desesperador, e esse sentido de uma culpa que o Homem carrega sobre os homens.

O desespero humano da filosofia kierkgaardiana tem esse sentido e esse conceito de um vasto sentimento de culpabilidade pelo pecado original, pela imprevidencia do pai que blasfemára contra Deus e pelos pecados do homem. E para raparação dessa miseria, o problema interior da pessôa humana, só encontra sua solução atrovez do cristianismo e na reação contra toda e qualquer acomodação ao erro e ao mal.

Como se vê, o pensamento de Kierkgaard é fundamentalmente religioso e cirstão. Por essa missão cristã a que ele diz estar servindo, tudo renunciou: o conforto a paz, e a propria noiva Regina Olsen.

Dentro desse mundo pensamental, em que viveu dominava a Alemanha, o mundo nordico e as universidades, toda a filosofia de Hegel. Hegel marcava o ponto mais alto do pensamento ocidental, com sua "IDEIA" e seu panlogismo.

Continua na pag. 24

O GATO

LUIS BACELAR

O GATO permanece estático no tempo
e se faz dinâmico na memória
enquanto fumo o cigarro inglês:
— esfinge

pela posição das
patas dianteiras
e do rabo. Os olhos

fixos num ponto
móvel: aranha. Que,
cautelosa conserta

sua teia; um velho pes-
cador em cais an-
tigo — a remendar

sua esburacada
rede de pescar;
pela noite adentro

essa vida surda
embebe o silêncio
como frio no ar.
Tal a poesia:

como mariposa
vem indiferente.
vem noturna, e pousa
sôbre êste papel.

Escuto o tempo fluindo:
estou fundindo na névoa.
Um mosquito enrola o fio,
o longo fio de som.

As tábuas velhas estalam.
Serão as almas penadas?
Não: é o estuque que cai,

que cai das paredes velhas.

A casa vive; respira; --
e, num ofêgo, se encolhe --
como o cururú que mora

em baixo da cantareira
escorada e carcomida
que suporta o velho pote.

Mas agora são os gastos, (os
outros, -- não
êste aqui: é
muito pouco boêmio,)
que se rasgam no telhado
e quebram tôdas as telhas. (De
sùbito,

as formas das
coisas se dissolvem
no escuro: a luz elétrica
se ausentou. PARO
DE ESCREVER. Busco
fósforos. Não
encontro. Uma

parede a mim se encosta em
vacîlante ajuda. Os gestos
perdem seu significado. A

mesa, as cadeiras, os
óculos, o bule de chá, as
meias e os sapatos vazios
de meus pés, e o livro

de poemas, adquirem
um senso tátil: dureza
e maciez. Ou
olfativo: o querozene

da lamparina. Sòmente
o gato percebe
movimentos: baratas
que passam.
Êle salta. O ruído me
assusta. Meus dedos

encontram a lanterna
elêtrica. O jacto
corrói a escuridão e

acende-lhe as pupilas: dois topázios.)

A luz

voltou. As coisas retomam
suas formas. Estalam: o gato
brinca com uma folha sêca.

-- Pssschrrrut!...

Num breve
miado, -- como quando lhe abro
a porta
depois do muito arranhar, -- pula
sôbre a mesa. Brinca

com o papel em que escrevo
o poema. Mordica -
me os dedos, numa demonstra -

ção felina de carinho. Os
seus bigodes, antenas
da afeição, roçam de leve
na minha mão. Uma làgrima
cai-
lhe
do ôlho esquerdo. Chora? Não
sei. Apenas sei,

que:
as pupilas do gato crescem com a sombra.

10-8-54 (*SENTIMENTO DO TEMPO*)

PASSEIO

FERNANDO COLLYER

Eu andei passeando pelas empoeiradas estradas da minha infância. Fazia tanto tempo que ia eu não andava, que as espessas têias que os anos deixaram crescer, só foram rompidas pela lamina da saudade. Tudo me pareceu como um amontoado de vidas que ali ficaram sepultadas pelo tempo. Parecia um campo santo de sonhos que a realidade ali sepultou. Os que comigo ali viveram e sonharam já não existem mais. Os meninos traquinos que desciam e subiam as escadas do colégio, perderam-se dentro dos anos, eu não consigo encontra-los por mais que o amor que se agasalha em meu peito os procure. Os mestres que brigavam comigo e me punham de castigo, também já se foram. Aqueles padres amigos que naquele tempo me amavam mais do que eu, curvaram-se ante os anos e o tempo. Eu os julgava ruins desconhecendo o amor que êles me devotavam, procurando me contaminar de amor e de vontade. Êles queriam me fazer um grande homem, e agora que já sou homem não sei se os desapontei. Creio que não, pois aquele amor que os padres falavam tanto, enraizou-se em meu peito; e a vontade de vencer que êles me ensinaram, não se estiolou, continua mefrando a cada minuto da minha vida.

Colégio D. Bosco, tú sepultaste em tuas escadas, em teus corredores, em teu patio, em tuas salas um pedaço da minha vida. Andei pelos pelos teus corredores e os meninos de ôntem, passearam comigo. Estavamos alegres, pois havia chegado a hora do recreio e nos seriamos livres por De repente senti-me cimo que despertado de um De repente senti-me como que despetado de um sonho. Olhei-me e não era mais aquele menino. Minhas calças eram compridas, e um paletó pesado sobre as costas, me fez vêr que eu estava sonhando. Ah! se eu ainda pudesse brincar em teu patio e ser preso em tuas grandes salas, eu preferia a prisão à liberdade que tenho. Preferia as tuas salas e campainha do Pe. Agostinho, que êste mundo aqui fora.

Pe Agostinho, em suas aulas de catecismo, sr. me falou tanto de amor e de compreensão, que eu choro ao pensar que os homens não entendem suas palavras. O sr. devia sair pelas ruas com a sineta na mão, para dar de novo na cabeça daqueles seus alunos que esqueceram o que consigo aprenderam; talvez que o galo feito por ela os fizesse lembrar por algum tempo os seus ensinamentos.

Colégio D. Bosco, a tí pertence a minha segunda infância. Foi onde eu mais sonhei e procurei formar meu espírito aos moldes do ensinamento que recebi. Foi onde mentalmente construi o mundo em que eu esperava viver. Desapontei-me. Mas, uma satisfação me faz manter nos lábios um sorriso: A satisfação de ter aprendido a andar por êste mundo de incerteza levado pela mãos bondosas de um Pe. Agostinho; a felicidade de ter sido por ele posto de castigo; o prazer por ter apanhado com sua sineta que me deixava galos na cabeça.

Fui passeando pelos teus corredores vendo que tudo está mudado. O menino que vive dentro de mim quiz me fazer chorar. Lutei com êle, e com mêdo de ser vencido fui saindo devagar. Desci as escadarias e parei no portão. Olhei para trás Longe, ainda consegui divizar um menino travesso que cada vez mais se afastava de mim, e que ai andando para bem longe para nunca mais voltar. Procurei chama-lo, mas êle não me ouviu. Saí andando de cabeça baixa, quando notei que balbuciava baixinho o meu proprio nome.

Novos Caminhos Econômicos

JUTA: Novo Fator de Desenvolvimento

Travando uma luta titânica para libertar-se do primarismo economico que há anos vem asfixiando o vale amazônico, um grupo de homens progressistas, deram inicio a uma nova fase de desenvolvimento, introduzindo um produto de alto valor comercial — a Juta.

Desde a fixações e aclimatação da Juta, na região amazônica, pelos japonezes, quando aparece a paternidade de Riotto Oyama, como responsavel pela produção desta fibra com resultados comerciais até os nossos dias, um surto animador de perspectiva incalculaveis foi atingido. No interregno que vai da plantação a colheita, como produto extrativista, a fase de industrialização, temos a considerar o inestimavel equilibrio socio-financeiro que a juta acarretou para as áreas cultivadas, como também, para o País, como elemento refreador de nossas fugas de divisas, no comercio internacional. Antes do plantio da juta no Brasil, dispendiamos grandes somas na compra do produto de origem indiana. E, ainda, no período elementar da colheita, o Amazonas, exportava o produto em estado bruto, para mais tarde importa-lo industrializado dos centros sulinos. Avaliando a importância desse esvaimento de valores, pode-se num rápido relance aferir o alcance desta nova era surgida com a formação desta empreza, dirigida no sentido de aproveitamento, quase total, da produção da Juta no Amazonas, que se sintetisa na COMPANHIA BRASILEIRA DE FIAÇÃO E TECELAGEM DE JUTA.

A valorização da juta brasileira foi progressiva pois, a principio, grupos intessados no comercio indiano tentaram boicotar o produto de oribem amazonica. Só sobrevivendo, mercê, da boa vontade desses homens de ampla visão que lutaram, bravamente a fim de que o vale amazonico emancipar-se, pela pluralidade de produtos capases de oerguer a nossa economia elementar. Neste particular, como alicerce de nossa economia, basta que vissemos as estatisticas de 1950 quando a juta representava a produção de 9.327.530 de quilos no valor comercial de Cr$ 50.630.820,60, elemento bem expressivo para o Amazonas. E nos anos subsequentes essa fibra alcançou lugar de destaque, em nossa pauta, sendo previsto o total de 40.000.000 quilos, no valor comercial de mais de Cr$ 40.000.000,00 para a produção de 1954-55.

O Amazonas como a unidade da federação que mantem maior produção da fibra, teve o previlegio de sua escolha para a localização de industrialização. A frente deste movimento de fixação desta empresa encontra-se o espirito dinamico de Adalberto Valle, que muito tem procurado incentivar que capitais sulinos desloquem-se em direção à Amazônia. A visão acertada deste feliz industrial, trouxe grandes beneficios para o nosso Estado.

Em visita que fizemos a Fabrica, observamos dentre outras coisas, o aparelhamento moderno facilitando o trabalho, e oferecendo a aqueles que operam em suas modernas instalações um ambiente salutar Conta, com uma grande produção de sacos, de todos os tamanhos, que pelo seu aprimoramento no serviço ainda, não dá para suprir a grande procura das praças do sul. Pensam em aumentar o aparelhamento para melhor poder suprir as deficiencias do mercado brasileiro. Acreditamos que assim, estaremos construindo um Amazonas, que atravessa a sua fase de colapso total do ciclo da borracha introduzindo, novos elementos culturais, para que ele possa levantar-se e conquistar a sua verdadeira posição dentre os Estados da Federação.

N. R.

CLUBE DA MADRUGADA

SEU PRIMEIRO ANO DE EXISTÊNCIA — ANTES UM SONHO, HOJE UMA REALIDADE PREOCUPADA — ATIVIDADES REALIZADAS E A REALIZAR — 22 DE NOVEMBRO UMA DATA INESQUECÍVEL.

Há um ano atraz o movimento intelectual, no Amazonas, encontrava-se num verdadeiro cáos. Os movimentos estudantis achavam-se paralizados, os artigos, as poesias e os ensaios publicados, enfim tudo condizente ao estudo sofria a sua fase de depressão. Aquêles que até o momento achavam-se alheio ao movimento das letras por falta de ambiente vendo nos que se diziam lídimos representantes do movimento intelectual não podiam comungar com a mocidade, que ainda se encontrava brotando e que resolvera ensaiar os primeiros passos de uma revolução intelectual, que pudesse congrassar todos que ainda não se achavam abatido pelo conformismo diante dos que se mantiam em pé.

Êste grupo de moços acostumados a reunir-se no jardim da Polícia, momentos em que mantiam conversa sôbre os movimentos literário, político e social, tomaram da espada, levantaram a bandeira e sairam a desbravar sertões inóspitos, que nunca haviam sentido faces humanas, decretando guerra aos que permanecem na fase neolítica do pensamento.

Fazendo um retrospecto e analizando as atividades realizadas nêste ano de entusiasmo, quando a turma sacrificou noites em reuniões procurando vencer os obstáculos e conciliar crises surgidas dentro do nosso meio só nos mantivemos porque sentímos a chama viva do ideal a nos projetar contra a aridez dêste deserto. Hoje, depois que conseguimos levar avante as iniciativas primeiras, e no momento em que as crises foram estirpadas, começa a surgir o fruto de nosso trabalho em favor da renovação do espírito. O ideal impulsionante desde o princípio, ainda, atua com maior fôrça, atiçando-nos a levar a cabo tôdas as nossas investidas Estamos convictos de nossa posição e não cederemos um passo, nesta fase,em que urge a nossa presença para advertir e construir, na esfera pensamental uma nova órbita de idéias. Se fôr necessário derrubar ídolos, tirar máscaras, eis o momento, mesmo porque não adoramos totens, nem nos prostamos aos pés de falsos deuses. Conhecemo-nos, antes de tudo e sabemos da capacidade de nossas fôrças. O nosso manifesto diz bem o que pensamos.

UM POUCO DE NOSSA HISTÓRIA

Em Manaus todos conhecem o Clube da Madrugada. Porém, sentimos que é necessário um esclarecimento, porque temos ouvido interpretações falsas acêrca de nossas atividades e de nossos empreendimentos. E o melhor esclarecimento é sem dúvida, a nossa própria história.

Um grupo de jovens, de tôdas as idades, trocavam idéias e debatiam os assuntos de maior relevância para o desenvolvimento intelectual de nossas populações, resolveu numa noite, cuja claridade do luar era fascinante, fundar uma agremiação que pudesse realizar o sonho que contíamos, com as nossas próprias fôrças. O já célebre banco dos Patos, à beira do lago Azul foi o lugar determinado, no momento em que brotou a idéia,

pois ali encontravam-se seus fundadores para erigir a base de um desenvolvimento de renovação. As idéias surgiram como as rosas brancas da ilha do lago, ornamentando a noite. Naquêle instante todos agruparam-se formando u a muralha humana para construir os alicerces do Clube. Tudo se tornou realidade. Denominado o movimento de Clube da Madrugada justificou-se que a madrugada é a renovação e a esperança de um novo dia. E no dizer do nosso companheiro Djalma Passos "a madrugada é convite irrecusável".

Os frutos começaram a nascer no meio dos espinhos e das pedras do indiferentismo; o nosso grupo ao se desenvolver encontrou as primeiras pedras no meio do caminho, porque o ambiente sentia o princípio de renovação consciente.

Logo após o dia da fundação começamos a trabalhar, a fim de agrupar outros elementos que pudessem ao nosso lado combater pelos ideais, por nós abraçado. Esta fase foi efetivada com muita cautela. Eram necessários elementos de qualidade, para não cairmos na vulgaridade de outras agremiações do gênero. Nêsse sentido, muita vez "tivemos que mergulhar no fundo do mar, a procura de pérolas", numa expressão vibrante de Carlos Farias. Contudo, todos os sábados, mantínhamos reuniões nas quais debatíamos assuntos de maior interêsse.

Começamos a encetar uma campanha de publicações pelos jornais, tomando parte ativa neste setor: Jorge Tufic, Feranado Collyer, Luiz Bacellar, Carlos Farias e Moacir Couto de Andrade, sendo todas sob a égide do Clube da Madrugada. O período das conferências trouxe à, baila os membros Saul Benchimol e Francisco Batista, que abordaram os temas "A Economia Financeira no Estado Moderna" e 'Conceituação do Modernismo no Amazonas", respectivamente, realizadas na Escola de Serviço Social e Residência do Prof. Freitas Pinto, contando ambas com a presença de pessoas representativas de nosso meio intelectual alcançando grande repercussão.

Ainda é de resaltar o entusiasmo do escritor e jornalista Ramayana de Chevallier, pelo movimento ao qual emprestou vivo apôio, passando a comungar com a mocidade do Clube, como membro iniciado em tôdas a madrugadas

Como fase mais avançada temos a publicação do primeiro livro, sob a chancela do Clube da Madrugada, que acaba de ser lançado pertencente ao nosso companheiro, poeta Djalma Passos, intitulado "Tempo e Distância".

A DIFUSÃO DO CLUBE

Esta vem sendo feita, gradativamente, em todos os Estados da Federação, por intermédio das relações que temos mantido com outras entidades e pesssoas. Em Belém, o nosso companheiro Fernando Collyer manteve contato com os intelectuais que realizam a renovação, e foi entrevistado pela reportagem da revista "Amazônia", fazendo publicar um pouco de história do Clube, e desde esse momento temos colaborado, remetendo trabalhos para essa revista, tendo ótima acolhida e procurando cooperar com o nosso movimento.

Ao poeta Geogenor Franco, secretário da "Amazônia" e seus companheiros de redação os agradecimentos do Clube da Madrugada.

No Rio, temos os companheiros Raimundo Nonato Machado e Carlos Farias que desenvolvem trabalho eficiente em favor da divulgação dos princípios e trabalhos do Clube, já estando adiantado entedimentos, no sentido da publicação de livros dos poetas amazonenses pertencentes ao nosso movimento, na Capital Federal.

Atualmente, trabalhando dentro do Clube da Madrugada, em vários setores de pensamento humano, encontram-se os seguintes membros: Jorge Tufic, poeta; Carlos Farias, poeta; Luiz Bacellar, poeta; Fernando Collyer, cronista; Saul Benchimol, Francisco Batista e Alfredo Campos, estudiosos de Ciências Sociais; Humberto Paiva e Teodoro Botinely, contistas; Afrânio Castro, pintor e desenhista; João Bosco de Araújo, ensaista; Orígenes Martins, pedadogo; Moacir Couto de Andrade, arquiteto e poeta; Miguel Barrela, filólogo; Djalma Passos, poeta e historiador: Camilo Lopes, ensaista; e Paulo Comte de Alencar, humanista e musicista. Ué!

Devemos salientar dois companheiros, que contínuam novos, tanto pelo espírito como pelas atitudes, apoiando as iniciativas do Clube, e até certo ponto, encentivando nossos ideais, que são: André Araújo e Freitas Pinto.

Nestas breves linhas fica um bosquejo pálido da vereda palmilhada pelos os moços do Clube da Madrugada, neste primeiro ano de existência.

Que boa bota para começar!

TEMPO E DISTÂNGIA

1955 — "Tempo e Distância" — poemas de Djalma Passos — edição "Clube da Madugada" — Manaus. Nada melhor, para julgar um poeta do que lêr os seus versos. Lêr com sentimento e compreensão, para julgar com ambos. No caso do autor das "Vozes Amargas" estamos de acôrdo que "tempo e distância" muitissimo servram em proveito da poesia que lemos e sentimos ainda há pouco. Não falamos no sentido de progresso no campo da técnica do poema.. Sob este prisma ficariamos, sem dúvida alguma, com o segundo livro de Djalma, onde fundo e forma — aqueles "ritmos leves", de autêntica pureza lirica, na expressão de Bacellar — se completam.

Em "Tempo e Distância" já notamos o despontar de uma visão diferente em relação aos seres e às coisas. Amadurecimento, de uma certa maneira, mais do sentimento cujo vínculo liga a sensibilidade do artista ao mundo em que vivemos, humano, por assim dizer, onde a palavra entra em jôgo despreocupado com as vivências do poeta. Um grande desencanto parece dominar os seus poemas, no meio dos quais uma aura de melancolia turbilhona no chão frágil da memória as fôlhas de noturno precoce... Esquece Djalma Passos aquele "anjo rebelde" cuja presença intermitente é o relâmpago de tôdas as suas vozes amargas; o moleque vadio "que apedreja as vidraças" já não encontra o seu lugar, como nas ruas que continuam cheias de moleques, nem a promessa de "uma hora incomensurável de vingança" sustenta ânimo contra as injustiças dos homens.

Assim mesmo, não deixamos de encontrar, comovidos, aqui e ali versos, como êsse magnifico POEMA NAVIO DA NOITE, POEMA DÓ FETO e O ANJO E O CAIS. Quando aos sonetos, não oferecem possibilidade de paralelo com os trabalhos citados. Pois certos estamos que a maioria deles são feitos "por circunstancia", colhidos indiferentemente a bico de pena, sem a necessária preocupação de fugir aos "lugares comuns".

SONETO

FARIAS DE CARVALHO

Tão em Verso me achei, tão em Mensagem
os deuses me talharam, que não tenho
memória de haver sido em qualquer tempo
Eu apenas, só Eu, sem Universo.

Tempo e Espaço me fiz. E mesmo antes
de algum começo haver, há muito eu era,
assim como tambem, se existe um fim,
depois deste, por certo estarei sendo

Não do que são aqueles sem ser
pretendem. Mas, isto sim daquilo
que não se viu nem soube como veio

e que maior que nós, em nós se faz
para abraçar os mundos, e afinal
coube a gora inteirinho no Soneto!

Dr. Rodolfo Martins

A direção da Revista Madrugada agradece a nímia gentileza e o elevado espírito de compreensão para com a mocidade do Clube da Madrugada, em atendendo o seu apêlo, no sentido de que fôsse possível concretizar êste sonho, que ora se realiza na publicação dêste primeiro número de Madrugada, produto e anseio dêstes jovens idealistas, voltados para os problemas da cultura.

A êsse cavalheiro -- Dr. Rodolfo Maritns -- a imorredoura gratidão da Revista **Madrugada.**

MENTIRA e RELIGIÃO

Conclusão

Ora bolas! Cristianismo nunca foi isto. Cristianismo não é desonestidade. Não é orgulho satânico. Não é injustiça. Não é espírito burguês. Não é farisaismo. Não é conformismo. Não é safadeza e cretinice, afinal de contas. Contra êsse estado de cousas é que muitos cristãos se revoltam. Somos todos culpados. Uns, por praticarem o êrro. Outros, por não se revoltarem. Cada um de nós é atingido por essas acusações que não são nossas, mas de todos aqueles que querem viver de um outro modo. Os que procuram no Cristo a fonte de sua vida cristã. Aqueles que desejam sobrepor-se aos luxos ou ao confôrto requintado da civilização coca-cala. Aqueles que não acreditam em paz através de ameaças de bombas atômicas. Aqueles que não se convencem de que a paz de espírito se encontra num progresso material, mas sim na evolução e perfeição de um humanismo esclarecido pela ciência e fundamentado nas verdades sobrenaturais. Estamos certos de que não podemos construir nossa felicidade humona sobre mistificações e relações apenas cordiais e superficiais. Amar os homens (proximos e distantes) não é fazer-lhes festas e reuniões sociais e sim suportá-los em todas circunstâncias, e quando êles tiverem necessidade de um auxílio ou de um abraço amigo, estarmos prontos a dá-lo com a mesma naturalidade com que respiramos. Ama-se com a vida toda, não somente com palavras ou sorrisos fugazes.

Cristianismo é responsabilidade. É cumprimento do dever. É honestidade. É simplicidade. É humildade. É verdade, principalmente em nos vermos como somos e não como mostramos ser aos outros. É justiça. É amizade. É comprenesão. humana. É liberdade, fraternidade e igualdade, cristianizadas e sobrenaturalizadas pelos dons do Espírito Santo.

KIERKGAARD

CONCLUSÃO

do logicismo do *EU*. Tendo errôs de certo individualismo religioso, a experiencia kierkgaardiana tem uma expressão profunda de beleza, de vida de poesía, de arte que muitos existencialistas da esquerda, como Sartre, deturparam, distorceram para o campo da irreligiosidade, adaptando para uma certa literatura e modos de vida futil que se enxarca na penumbra das "boites", de "bares noturnos. de moços de olhos fundos soturnos, de visionarios que pregam o existencialismo sartreano do "muro" e da "moscas", da chamada " idade da razão", e da "Nausea".

Kierkegaard é um homem de genio. Sciacca o chamou de Pascal luterano. Vale a pena le-lo, pensa-lo e analisa-lo, nesta triste época de pouca meditação interior.

DR. JAIME ARAÚJO

Presidente da Associação Comercial do Amazonas.

Ao darmos lume a êste primeiro número de Madrugada, queremos externar ao Dr. Jaim Araújo, M.D. Presidente da Associação Comercial do Amazonas, a espontânea colaboração emprestada à direção desta revista, sem a qual não seria possível a colimação de nosso ideal.

A essa modelar instituição das classes conservadoras do Amazonas, tão sábiamente dirigida por êsse gentleman, Dr. Jaime Araújo, os sinceros agradecimentos do Clube da Madrugada.

RILKE, POETA DA ALMA

JOÃO BÔSCO ARAÚJO

"A glória ou pelo menos a fama não é, às vezes, mais que a soma de tôdos os equívocos que se formam em tôrno de um nome novo".

O autor das Elegias do Duíno, dirigia sua verdade à fama de Augusto Rodin,, porém hoje podemos aplicá-la a sua própria.

Juntamente com Hugo von Hofmansthal e Stefan George, Rainer Maria Rilke completa o trio lírico mais liustre da moderna poesía alemã. Destes três poetos tão ímpares em sua indiscutível importancia, Rilke é o que consequiu uma mais rápida emais ampla difusão nos países de falas neolatinas. Talvez a facilidade que nos tem proporcionado alguns tradutores francêses, principalmente Maurice Betz, esteja entre as causas que desde alguns anos nos vem favorecendo essa difusão Rilkeana. Porém, não cremos que este motivo possa explicar por si só o auge aceleradissimo e, por isso mesmo quase em todo superficial, deste profundo poeta

Salvo algumas exceções especialíssimas, Rilke perambula por nossas livrarias em traduções que, por irresponsabilidades editoriais ou por entusiasmos juvenis plasíveis porém insuficientemente preparadas, pouco tem que vêr com o idioma de sua origem e, por momentos, com o mesmo das traduções.

As circunstâncias têm estado contra Rilke. De sua obra e sobretudo de sua biografia não se têm tomado senão alguns rasgos de entusiasmo e pateticismo. Rara é hoje jovenzita burguêsa, com poucas páginas de leituras ibsennianas, que não queira "viver sua própria vida" ou "morrer sua própria morte".

Como Frederico Holderlin, a quem tanto admirava Rilke não havia nascido senão para poeta. Nunca possuiu meios de fortuna nem recursos financeiros regulares. Recorrendo à sua correspondência notamos que, daqui e dali, não deixam de apontar preocupações econômicas. E podemos mesmo dizer que o único emprêgo possuido por Rilk, se isto pode ser chamado emprêgo, foi o de secretário de Rodin, seu particular amigo. Goethe foi ministro. Mallarmé professor, Verlaine burocrata e Etefan George rendista. Porém, e nisso tem que coincidir com Felix Berthaux, a Rilke é forçoso imaginá-lo poeta, é só poeta.

Como era de prevêr e era natural e justo nem siquer a mais fina intelectualidade europeia, pôde precipitar a lenta mas incontivel promoção do novo grande poeta. A personalidade do mesmo Rilke atuou às vezes, com mais decisiva eficácia que sua própria arte. Isto surpreende porque o autor do livro de horas foi sempre, no fundo, um retraído. Para alguns de seus amigos, cada uma de suas atitudes tinha a eficácia de um verso bem composto. Dentre burlas e verdades, princêsa Maria de Turns e Taxis gostava de chamá-lo "o Seráfico"; e o mesmo Felix Berthaux, crítico da grandes exigências, confessava que a vida e a figura de Rilke iam assumir no mundo, exaltando-o, o lugar de um sonêto. Cabe pensar que essa impressão deriva do tom amigo com que nos fala o poeta. Espirito essencialmente lírico sempre confidencial, Rilke foi um apaixonado das funções epistolares e místicas. Poeta espontâneo e fundamentalmente intuitivo, Rainer é um escritor completo, porém não um escritor impreciso nem dado ao balbúceo; dócil e paciente ante e imperativo lirico profundo.

Como Holderlin, ou Keats, ou mesmo Besquer Rilk é antes de tudo ele, o poeta da alma — um lírico perfeito na mais profunda significação deste termo. Por isso, para Rilke a poesía nunca foi um

Continua na Pag. 28

Aspectos da Conquista da Amazônia

FRANCISCO F. BATISTA

O portugues, o ultimo a chegar na Amazonia, foi o seu conquistador definitivo. Antes a Amazônia, já havia sido pervagada por Vivente Yañez Pizon, em 1542. Francisco Orellana, com o objetivo de se fixar efetivamente na região, partia de Sanlucra, a 11 de maio de 1545, com a expedição composta por 200 infantes e 4 navios, mais 8 religiosos, além de 100 cavalos, os quais na época, eram desconhecidos na Amazônia. Orellana não foi feliz na sua expedição, vindo a mesma a se desbaratar, morrendo o ilustre navegador espanhol às margens do Rio Amazonas, nas adjacências de Monte Alegre. Depois dêstes navegadores, perlustraram a planície franceses, ingleses e holandeses. La Ravardiére, o fidalgo francês responsável pela fundação da França Equinocial, zarpou de São Luiz do Maranhão, a 8 de julho de 1613, com uma pequena expedição, a bordo de uma caravel pilotada por Charles des Vaux. Esta fôrça era constituida de 40 soldados, 10 marinheiros e diversos chefes tupinambás. Aportaram em Paraguassú, taba situada, onde hoje, é mais ou menos a cidade de Belem, fazendo logo amizade com o incola, obtiveram o seu apôio, que não surtiu efeito perene em face da expulsão dos franceses do Maranhão, nessa mesma época, por Jerônimo de Albuquerque e Francisco Caldeira Castelo Branco. Os holandeses e ingleses, que já tinham o comércio de "bugigangas" com os índios em troca de produtos naturais, edificaram, na contra costa da ilha de Marajó fortes bem guarnecidos e armados afim de proteger o tráfico rendoso com o cabôclo ignorante. (Vide Vieira Barroso, in Marajó).

Pode-se aventar como responsável pela ausência do português na Amazônia, o Tratado de Tordesilhas, porém, é necessário lembrar que semelhante acôrdo delimitava as cidades de Belém e Laguna como as linhas naturais das terras portuguesas. Justifica-se sim, o desprezo que recebeu a Amazônia, por parte de Portugual, ligado ao interêsse imediato dos portuguêses no Brasil. O massapé, no Nordeste, oferecia perspectivas animadoras para a plantio da cana de açucar, que significava lucros fabulosos e sem demora. Por que então se embrenhar na selva inóspita prenhe de perrigos impresvisíveis ?

Sòmente com as incursões dos franceses, e posteriormente, com a fixação efèmera dêstes no Maranhão, foi que o espírito patriótico de Jerônimo de Albuquerque Soares Moreno, Felipe Camarão e Diogo Campos Moreno precaveu-se ante o perigo iminente. Não fora o interêsse estrangeiro, talvez, só mais recentemente a conquista da Amazônia tivesse se iniciado.

Querem outros afirmar que o português abatraia-se do Norte, em razáo de ditas terras pertenceram à Corôa Espanhola. Só o evento de Portugual passar ao domínio espanhol — 1580 a 1640 — possibilitou ampla liberdade ao pendor bandeirante do português, e mais amiude dos paulistas, em desbravar novas terras. E nessa oportunidade foi até os contrafortes dos Andes, não o atravessando em virtude dos obstáculos sobrenaturais.

A posse das terras amazônicas, todavia, pelo português efetuou-se no século XVII. Do Maranhão partiu a expedição que vinha assegurar, definitivamente, para a corôa imperial, as terras lendárias da planície verde. Desta feita surgiria o marco indestrutível da posse, pela fronteira humana. Com êste objetivo Francisco Caldeira Castelo Branco zarpou de São Luiz para fundar uma colônia no Pará. "A expedição entregue ao seu comando, foi assim organizada: um caravelão comandado pelo capitão Antonio Fonseca e pilotado pelo hábil francês Charles des Vaux, era a Capitânea, vindo nele Castelo Branco: um caravelão comandado pelo capitão Álvaro Neto, pilotado pelo cauteloso e conhecido Antonio Vicente Cachado e um lanchão sob o comando do capitão Pedro de Freitas; 200 ho-

Cont. na pág. 28

KIERKGAARD

CONTINUAÇÃO

Kierkgaard investe contra o idealismo alemão de Hegel e de Fichte.

Kierkgaard não se interessa pela verdade objetiva de Hegel, mas entende que a verdade subjetiva, a verdade que está dentro de cada um de nós é mais profunda do que a outra que o logismo proclama. Diz ele "o que eu preciso é saber a que destino me leva á existencia, e que Deus quer que eu faça. O que importa é encontrar a verdade que seja verdade para mim, encontrar uma ideia pela qual eu possa viver e morrer".

Vê se logo que a filosofia de Kierkgaard é puro subjetivismo. Verdade interiorisada, aquela verdade que fazia a extraordinária grandeza de Socrates, a sublimidade do pensamento de Platão e a tranquilidade férrea do raciocinio de Tomaz de Aquino.

Precisamos compreender que Kierkgaard não seria capaz de abalar o mundo da filosofia, se não fosse um orientador de primeira grandeza, um sedutor filosofo, especulativo e religioso.

Pensem os homens que se dedicam ainda ao estudo da filosofia, que Kierkgaard, investndo contra a filosofia hegeliana, realisava, já naquela época, um notavel serviço ao pensamento religioso do mundo.

Hegel negava, de principio, a mediação entre o individuo e o absoluto.

Kierkgaard não vacilou um só instante. Combateu Hegel até a morte, porque sabia o destino que esperava a filosofia de Hegel.

Daí toda sua filosofia residir em torno da pessôa humana pois a verdade é sempre subjetivista. Porisso a verdadeira defesa da pessôa só se encontra na fé e não na razão.

Os que não tiverem largo cabedal de leitura filosofica, não alcançaram a realidade dessa expressão kierkgardiana. Isso poderá mesmo levar até os extremos mais absurdos e os mais exquesitos paradoxos.

Sendo a essencia da pessôa humana a imensidade do pecado só a concepção cristã da vida, pela intensidade e profundidade das essencias do cristiansmo, poderá o homem aproximar-se "Realmente" de Deus com a sua mísera condição humana".

Para Kierkgaard, o homem além de sintese de alma e corpo é sintese do temporal e do eterno. Principalmente no encontro humano com a eternidade e o tempo, essa a grande noção do que ele chama — EXISTENCIA. A existencia é uma singularidade, diz o mestre M. F. Sciacca, comentando Kierkgaard, singularidade contra a logica tradicional. A dialetica que une eternidade e tempo. É o paradoxo da *existencia,* como sintese, segundo a interpretação de Sciacca.

Existir quer dizer "ESTAR FORA DE" (Exsistere). Isso, segundo mestres, tem o sentindo d verdadeira transcendencia, de projetação do SE no espaço e no tempo.

Não será o logicismo de Hegel que poderá dar á vida e ao homem o significado da existenc A religião, o problema de Deus, as questões sobre a eternidade, a problematica dos misterios da vida e da morte, tudo deve ser compreendido, segundo cada caso individual. cada personalidade, no temop Os homens que de tudo descreem, devem sab que não há mesquinhez, nem diminuição do sentido de homem, em relação aqueles que admitem possibilidade da existencia da alma, de Deus e qu aceitam os dogmas de uma religião. Há muito mais grandeza no ato de crer do que no ato de descrer. Há muito aburguezamento em certos individuos que admitem uma fé; mas, ha também muito mais espirito de burguezia liberal nos que ficaram, *no tempo,* com o seculo XIX.

Se para nada valesse a filosofia de Kierkgaard, na pureza de suas intenções existenciais, pelo menos, é uma revelação contra o espirito do mundo futil revelado pelas paixões ao luxo, pela libertinagem, pelo comodismo, pela conveniencia de em nada se crer.

Kierkgaardr é um homem de genio. Sciacca época em que se ensaia o hegelianismo folosofico

Continua na Pag. 21

Poesias de R. Nonato Machado

R. NONATO MACHADO é o jovem intelectual que ha dias atrás esteve conosco, visitando Manaus e tomando contacto com os moços cuja mente am bôa hora se preocupa com os serissimos problemas do arte contemporânea. Faz anos reside na Capital da República, mas nunca deixou de estar lembrado do Amazonas, onde passou doze anos e fez o çurso cientifico. Atualmente Nonato trabalha no Ministério da Educação. Estuda na Feculdade Nacional de Filosofia e nas horas vagas escreve poemas. Os que se seguem, de um lirismo suave e original, são inéditos e fazem parte de um livro recentemente enfeixado. Raimundo Nonato passará a fazer parte do « Clube da Madrugada », mantendo correspondência literária do Rio de Janeiro.

INUTILIDADE

Para não sofrer meu desencanto
sacrifiquei a imagem
da memória de meus sonhos
desbaratados em angústias

E sofri mais
Pois descobri
que o meu amôr nasce dos meus olhos
desnecessáriamente abertos para vê-la
E de minhas mãos
que não saberiam compor um gesto de
[ternura
sem encontrar o seu rosto
perdido para mim entre fronteiras
— Impossivel.

****

DEDICAÇÃO

Quando teus olhos cansarem
Das grandes visões do mundo
Procura-me.

Quando teus braços vazios
Estenderem-se sem ânsias
Procura-me.

Quando teu peito gelado
Sepultar teus desenganos
Procura-me.

Tú me verás homem ou pássaro
Vindo de todos os climas
Dos abismos dos desertos
Das tempestades
Ressuscitado
E
De novo
Buscando teu coração
Para meu túmulo

****

POEMA DE DESPEDIDA

Essas muralhas são tempo
de tempo de amizade

****

De sôbre estas pedras
eu te verei partir

****

Teu adeus é pôr-de-sol e madrugada

****

Quando eu sentir saudade
escreverei um poema de luar.

****

O meu carinho por ti
é alarmante
como um gesto de silêncio.

William James no Amazonas

Apassagem de William James no Brasil e, principalmente, pelo Amazonas, quase que é desconhecida dos nossos historiadores e dos inúmeros adeptos da sua doutrina, o pragmatismo, que intensamente influiu na formação da atual geração norte-americana.

Geraldo Pinheiro, in Arquivos, n.o 8.

Sejamos franco ou francos?

MIGUEL BARRELA

Como já é do nosso conhecimento, amigos leitores, SEJAMOS FRANCO é o nome de um dos instrutivos programas radiofônicos da RIO MAR, à cuja direção se encontra esta notável capacidade jurídica, Dr. Abdul Sá Peixoto, o qual (o nome do programa) vem despertando a valiosa atenção e curiosidade de centenas de seus ouvintes, dentre os quais temos a honra de nos colocar para o caso de concordância do complemento predicativo (simplesmente predicativo ou predicado nominal) FRANCO com o sujeito NÓS do verbo SER (SEJAMOS). E é justamente em tôrno disso que temos ouvido em várias rodas de estudantes, das quais tomamos parte quase sempre, os mais diversos comentários. De um lado, uns acham esquisita a concordância em evidência. Outros, no entanto, acham-na corretíssima. Mas parece que não se chega a uma conclusão e os debates tornam-se acalorados. Os clássicos vêm à baila. As regrinhas gramaticais surgem. Não podiam ficar ausentes. Indispensável a sua presença. E por aí se vai. Quem não sabe aprende. Quem sabe aprende mais ou desaprende. E para concluir aparece um e diz: sabem de uma coisa? nem Ruy Barbosa sabia Português! Vejam só, quanto trabalho o Dr. Abdul Sá Peixoto dá à turma, que pelo jeito não lê só Guri, lê tudo e discute tudo, também.

Sem queremos, no entanto, depois de muito apoquentarmos, com essa nossa introdução, a paciências de quem nos lê, arrogar à nossa pessoa a qualidade de alucidador ou mediador do assunto, em tela, vamos, nêste modesto e sem nada de original artigête, à luz das lições de nossos mais acatados mestres da Língua Portuguêsa, tentar uma conclusão lógica da expressão SEJAMOS FRANCO ou FRANCOS.

De início, temos a dizer que estamos à frente um caso de sintaxe irregular de concordância-silepse de número-muito usado pelos clássicos da Língua e que dá à oração um valor sintático extraordinário.

Mas, falamos em sitaxe irregular de concordância? Foi. Falamos sim. O que vem a ser afinal? Ensina-nos Eduardo Carlos Peerira: "Sintaxe irregular ou figurada de concordância é aquela que consiste em se operar a concordância do verbo, adjetivo ou pronome, não com o têrmo expresso, porém, com o têrmo latente, fàcilmente subentendido pelo sentido da frase ou intenção do que fala. "E é justamente, a esta concordância latente que se dá o nome de SILEPSE que pode ser de gênero, número e pessoa". No nosso caso é de número, que é o emprego de NÓS e VÓS por EU e TU, podendo o complemento predicativo ir para o singular estabelecendo, dessa maneira, a concordância com a idéia latente, e o verbo neutro ou de ligação (SER) fica no plural. É o que nos ensina também o Mestre audido acima. E de sua gramática colhemos vários exemplos para que justifiquemos a regra. Vejamos: "Antes sejamos BREVE que PROLIXO (J. de Barros). Apesar da benlovência com que fomos COLHIDO,...(J. de Castiho). Vós estais ENGANADO (A.H.)".

Observando-se os exemplos dados, podemos compará-los com o SEJAMOS FRANCO. A concordância é a mesma. FRANCO é o complemen predicativo que concorda com o sujeito latente, semiótico EU que no caso é substituido pelo sujeito expresso, NÓS.

O professor Carlos Góis na sua SINTAXE IRREGULAR DE CONCORDÂNCIA página 215, diz: "O emprêgo de NÓS por EU é muito frequente para realçar a modéstia da pessoa que fala. Os imperadores romanos introduziam esta forma de expressão no Latim sempre que se dirigiam ao povo. Data daí o seu emprêgo que depois se generalizou tanto que de forma de expressão idiomal (que era originàriamente) resvalou a verdadeiro preceito de educação. É de bôa cautela não alternar no mesmo contexto os pronomes NÓS e EU(quando

Continua na pog. 27

com referência à pessoa que fala). É censurável a instabilidade ou falta de uniformidade que se nota no seguinte trecho de Jacinto Freire — "(EU) escreverei a vida de D. João de Castro... e NÓS ajudaremos o pregão...".

Como se vê tendo-se como base a exposição dêsses grandes professores do nosso Idioma, é assaz importante o conhecimento da sintaxe irregular de concordância para os que desejam escrever, não à maneira de um Vieira ou mesmo de um Ruy Barbosa, mas, de modo a não deturpar, criminosamente, a Língua Portuguêsa, êsse galho vivo da árvore frondosa que foi o ROMANÇO. E vimos também que essa falta de unifornidade que se nota no trecho de Jacinto Freire fere os preceitos da boa linguagem. E quem, por conseguinte, não deseja redigir bem ou mais ou menos? Todos ou quase todos que gostam de escrever procuram expôr seu pensamento com certa lógica, SEJAMOS FRANCO, quantas e quantas vêzes ficamos em dubiedade quando vamos rabiscar um simples bilhete ou uma cartinha a um amigo? E por que, assim? Porque acontece às vêzes, de fazermos certas construções sintáticas que nos deixam... Mas, voltemos à expressão SEJAMOS FRANCO OU FRANCOS. Qual a que está, finalmente, certa. SEJAMOS FRANCO ou SEJAMOS FRANCOS? É o que já devem perguntar os amigos que nos lêem. A primeira, como verificamos, é corretíssima. E a segunda? A segunda também. Por que? Porque aí temos, não mais um caso de sintaxe irregular de concordância, mas, sim, REGULAR de concordância. É o que nos falam os exemplos que tiramos da gramática do professor Eduardo Carlos Pereira; "Somos CHEGADOS com a história aos anos do Senhor (Fr. L. de S.). Somos CHEGADOS ao último sonho de Xavier (A.V). Estamos PERSUADIDOS de que, ao menos em grande número dêstes, a conversa era fingida (A.H.)".

Teremos esclarecido a questão, ou não? Os atenciosos e, acima de tudo, benévolos ledores estão, a essa autura, com vontade da mandar às favas todos os gramáticos e os que se interessam por questões de Português. Mas, cremos que não. Somos otimista e por isso vamos concluir. SEJAMOS FRANCO é uma construção sintática que devemos usar, ou outras equivalentes, quando, por questão de uniformidade de linguagem, queremos referir a um sujeito semiótico, no singular, por motivo, também, de modéstia da pessoa que fala, subjetivamente, embora o sujeito do verbo esteja no plural (NÓS). Enquanto isso, somos de parecer que a outra frase, SEJAMOS FRANCOS, adaptar-se-ia ou adaptar-se-á quando quiséssemos ou quisermos falar na generalidade da opinião de um grupo de pessoas, como por exemplo, se disséssemos SEREMOS APROVADOS NOS EXAMES. Aí sim, é que devemos empregar a concordância regular. Mas, se uma só pessoa quisesse referir-se a si mesma, o certo seria SEREMOS APROVADO NOS EXAMES.

A Fundação da Biblioteca Pública do Amazonas

Deve-se a Ramos Ferreira, um dos nomes proeminentes do Amazonas, a idéia da criação de uma biblioteca em Manaus. Na permanência do presidente João Wilkens de Matos à frente dos destinos da Província, foi promulgada uma lei dotando o Liceu com um salão de leitura, o que só se tornou realidade um ano depois, precisamente, a 19 de março de 1871, quando se inaugurara, na gestão do seu sucessor, coronel José Miranda da Silva Reis.

Geraldo Pinheiro, in Arquivos, n.o 6.

ASPECTOS DA CONQUISTA DA AMAZONIA

Conclusão

mens, víveres em larga escala e mais os seguintes oficiais André Pereira, Dr. Francisco de Frias e Mesquita engenheiro,; Frutuoso Lopes, tabelião; João Felix,Matias Almeida, Pedro da Costa Cardoso, Pedro Favela e Pedro Teixeira". (ibid obra já citada). Êsses elementos são formadores do primeiro nucleo organizado, pronto para povoar a orla amazônica.

Qanto a penetração no recesso da Amazonia não se fez esperar. Pedro Teixeira, Pedro da Costa Favela e Bento Maciel Parente foram os primeiros na acepção lata do termo Há no entanto, controvérsia quanto a quem coube a primazia de chegar ao "hinterland". Porém diz a Sinopse Estatistica do Municipio de Manaus, baseada em Mario Ipiranga Monteiro-- "Cabem os louros dessa iniciativa ao cabo Bento Maciel Parente, com sua expedição, que primeiro fixou-se nas terras, hoje sob a jurisdião do Município de Manaus. Após esta expedião, outras tropas de resgate" seguiram-se penetrando no cerne da mata, para, em 1669, por instância de Pedro da Costa Favela, ser ordenada pelo Governador Coêlho Carvalho, a construção da famosa "Fortaleza de São José do Rio Negro", que passaria atuar com sentinela indormida da integridade do território amazônico, contra as investidas, pelo Orenoco, Negro, Solimões, dos ingleses, franceses, holandeses e espanhois que pretendiam, agressivamente, dominar o camércio da região.

Com a ereção das fortalezas do Presépio, em Belém, e de São José do Rio Negro, a de Barcelos, edificaram-se os primeiros marcos da posse da terra pelo português audaz, avido dos lucros recatados na floresta múltipla de produtos prestes a serem extraídos.

RILKE, POETA DA ALMA

Conclusão

afan literário. Como para os poetas citados, em todo momente a poesía constitiu para si, umi função irrenunciavel, apenas distinta, em razão de sua mesma importância, das que são conaturais ao coração ou aos pulmões: "Rerpirar invisivel poema".

Para Rilk, como para Goethe, como para tôdo grande artista, não há oposição entre a arte e a vida. "A arte — diz ele — não é senão um modo de vida, e pode um qualquer preparar-se para ela, sem sabe-lo, vivendo de uma ou outra maneira". Para Rilke, como para Goethe, escrever não é m lindre de litaráto, e sim tarefa de homem. Não se trata de expressar genéricamente o que se sabe ou o que se vive; o que importa é expressar-se singu trata de expressar genéricamente o que se sabe ou do que se sabe'. Criar é, antes de tudo, criar-se.

Um dos pais do cérebro mecânico, o Dr. Norbert Wiener, do Instituto de Tecnologia da Massachusetts, autor de Cybernetics, palavra por êle inventada para designar o processo de pensamento mecanizado, caminhava certo dia ao longo das margens do rio Charles. Encontrou-se com um amigo e ambos pararam para conversar. Depois de algum tempo, o Dr. Wiener perguntou:

--- Desculpe-me, meu amigo. Mas qual era a direção em que eu caminhava quando paramos para conversar ?

--- Caminhávamos nesta direção, retrucou o amigo.

--- Ah! concluiu o Dr. Wiener, então eu já almocei!

AS FORMAS ATUAIS...

não tem existência". Para o existencialismo de Jean Paul Sartre o homem é projetado na vida ignorante de sua origem e de seu destino. Deus e sociedade são produtos do homem, o qual, porisso, não está em relação de dependência para com aquelas "instituições"... A aspiração última é o existir, o auto-realizar-se por uma luta contínua contra tudo o que é opôsto a êsse existir social.

A terceira das formas atuais de humanismo, a cristã preconiza um homem realizado em sua totalidade. Uma realização que não deve ser limitada aos valores transitórios adquiridos por uma evolução histórica nem no aniquilamento de pessôa humana numa sociedade materializada ao extremo. Uma reabilitação que não pode ser circunscrita à libertar o homem de um mundo que o angustia se êsse libertar é orientado exclusivamente para a satisfação das necessidades materiais. Uma verdadeira reabilitação do homem está em realizá-lo não sòmente no que tem de passageiro, mas no que possui de permanente, no que o faz tender para o eterno. O humanismo cristão luta por um retôrno do homem ao essencial, por uma solução cada vêz mais eficiente de seus problemas materiais e espirituais, solução sempre subordinada a seu fim último: Deus.

Encontra-se o homem no transe mais cruciante de sua história. De há muitos séculos êle fugiu, num delírio egoístico, de seu transcendente destino para um falso realismo que criou uma civilização amorfa, opressiva, desumana. O homem precisa lutar por um retôrno. "Depende do supremo esfôrço da liberdade humana, na luta de vida e morte em que hoje se acha comprometida, que a idade em que vamos entrar não seja a idade das massas e das multidões informes, alimentadas, domadas e arrastadas por infames semideuses... (3)".

Com fim de tornar-se apto para suportar as agruras dessa luta desigual deve o homem primeiramente restaurar em sí o que tem de mais precioso: a pessôa. Nêsse esfôrço de restauração exige-se do homem os maiores heroísmos. "Se a vida comum em que estou inserido é construida sôbre a injustiça, será preciso um dia suportar com bravura que os animais me arranquem a pele, a mim ou a meus filhos (4)". O homem, segundo o humanismo cristão, estará liberto da atual vacuidade deprimente quando descobrir em sí a sua verdaira essênsia. Só assim atenderá à urgência dessa luta que está sendo vocacinado e compreenderá que a salvação lhe sobrivirá não ao ódio aniquilador da espécie, mas a uma verdadeira renovação no cristianismo. Estará o homem integrado em sua destinação quando entender que não deve disvirtuar suas energias renovadoras na luta plo predominio dessa ou daquela classe, raça ou país: quando participar de uma sociedade constituida de pessôas humanas e não de indivíduos-átomos, que esteja voltada para o eterno e não para o transsitório.

---

(1) — Guerreiro Ramos — Introdução à cultura — pág. 38

(2) — Jacques Maritain — Humanismo Integral — pág. 40

(3 e 4) — Idem, idem --- Cristianismo e Democracia --- pág. 63

ANDRADE SANTOS & CIA. LTDA.

ARMAZENS DE FERRAGENS

Rua Marechal Deodoro, 32/34

(em ao frente ao telegrafo)

MANAUS AMAZONAS BRASIL

ELETRO FERRO, CONSTRUÇÕES, S/A

CAPITAL 13.000,000,00

Rua Marechal Deodoro 91

Materias de construção, ferramentas, munições, tintas, louças, artigos elétricos para presentes.

O ATRAVESSADOR

SAUL BENCHIMOL

Dentro da Amazônia, vários tipos humanos concorrem para a formação da vida social, tão decantada, e muito pouco estudada, pelos intelectuais que formam as nossa elites, e que se acham completamente afastada de nossa realidade social, economica, e politica.

O tipo antropologico amazonico, encontra-se na zona de influência do caboclo, e se, fosse possivel, entendeu Oliveira Viana, organizar uma carta etnografica do caboclo, e pudessemos colorir, a medida que caminhassemos do litoral para o sertão, do norte para o sul, aumentaria e atingiria o máximo de sua coloração da região Amazônica.

Várias funções sociais são exercidas dentro deste complexo espaço que forma a nossa região e que anterior a tudo, deve ser considerado, para melhor visão do problema.

A nossa região tem uma constante que prende a todos aquele que nela vivem.O canoeiro, o juteiro, o pescador, o seringueiro e até mesmo o vaqueiro, tem essa constante em sua vida: O RIO. E como principal meio de vencer esta constante; o homem transforma o seu ambiente cultural originário, procurando pela conjunção o usufruir os beneficios retirando deste fator geografico tudo que ele pode oferecer, em vez de contrapor-se para vence-lo. Assim, o transporte é constituido pelos igarités, pelas canôas, e montarias e o próprio vaqueiro nordestino que enfrenta aqui a vida trocou sua cela, pelo banco da canôa, vencendo sem se opor e procurando o caminho de menor resistência. O Atravessador exerce o seu papel social, dentro deste complexo, usando como os outros que aqui vivem, os meios mais faceis a fim de vencer as dificuldades que se apresentam. Ele é uma instituição escular. O professor Mario Ypiranga Monteiro em suas pesquisas, o encontra no seculo passado, as voltas com a Camara Municipal, procurando esta solver, as dificuldades criadas por este a quem já se vem acusando a mais de um século.

Exerce a função de pequeno comerciante e pode ser considerado a um regatão em dinimutivo. É preciso assinalar, que entre o Atravessador e o Regatão, existe uma identidade que os catacteriza: mnter a aproximaçãão entre o produtor e o consumidor, ligado a ambos, por um vinculo social que se estreita, pela razão do isolacionismo de nossa população; formando de um lado, o grupo produtor, e de outro, o grupo consumidor. No entanto, contrapondo-se a esta identidade, vamos encontrar traços que os mantem bem distante, no atual momento histórico: hoje o Atravessador constitui o elemento de seu comercio, apenas, produtos de cultura de subxistencia, e o Regatão comercia com todos os produtos regionais. Nesta observação temos pos base algumas entrevistas que mantivemos com os conhecedores do assunto e aspectos sociais da vida amazônica, com a visão de clarar a vida tão combatida e tão comentada dos Atravessadores pelos jornais.

Veiamos o resumo de nossa entrevista: O Atravessador parte para sua tarefa de duas formas, se tem um motor de popa a todo momento é hora de partida, se não o possue, necessariamente, espera o motor da linha, no qual, obrigatoriamente, paga para ser transportado. Acompanhando sua rota podemos encontra-lo em várias direções. A primeira é a região da Boca do Cambixe, no entanto, um intrevistado afirmou-nos, que muitos outros seguem aos Autazes e até mesmo Manacapurú. Em sua pequena embarcação enfrenta todos os perigos que possam advir, utilizando o remo no momento em que se deslocam do reboque, a porcura da casa de seus conhecidos, aos quais, pela contancia ligou-se por um laço de amizade, tão grande, que passam a ser compadres. Aí desaparece, a figura do comprador e do vendedor, para aparecer o amigo, o compadre, ou então, o contador da última anedota e que pelo isolacionismo se acha ligado ao atravessador. Na casa do caboclo imediatamente aceita o cafesinho, aproveitando os intervalos para reportar as últimas notícias da cidade. Finalmente dirige-se indagando-lhe sobre a existencia de alguns produtos que ele possa adquirir. Muita vez, a resultante de seu trabalho foi insignificante, ficando

com apenas algumas cuías de tomates e algumas paus de macaceira. O caboclo não viria a cidade, somente para trazer aqueles produtos, porque seria perda de tempo e dinheiro e o preço da passagem no reboque do motor da linha é exorbitante, para ele, e consequentemente, não obteria lucros. No entanto, o negocio foi efetuado, e o atravessador continua visitando os seus compadres e amigos que vivem na ribanceira do rio. No fim do dia, a sua modesta embarcação está repleta de verdura e algumas galinhas que consegui comprar a muito custo, dos compadres e conhecidos pela amizade. Espera a volta do motor da linha para chegar a cidade, e imediatamente, entra em ação, a fim de conseguir vender os produtos, visto que, a concorrencia, muita vez, estabelece um limite maximo e mínimo para a venda de sua mercadoria.

Êste é um dos tipos, que realizar a função social de atravessador Outro, é aquele que, espera a volta do motor da linha, e entra em negociações com o caboclo, dinimuindo assim o tempo que poderia ser gasto por este, a espera de compradores. O que menos aparece é aquele que compra a plantação do caboclo, e no momento da colheita, comparece para leva-la ao mercado. Este tipo é o financiador, e que pode ser colocados ao lado dos diversos tipos de Atravessadores.

Outra observação por nós efetuada é que, sòmente nas cidades de Manaus, Itacoatiara e Parintins, existe o atravessador, em virtude de ser um agrupamento populacional relativamente grande, necessitando da função comercial, isto é, da aproximação entre produtores e consumidores. Quanto a duração da viagem, varia de acordo com o percurso, em que efetua o seu comercio, podendo ser de um a três dias.

É necessário e imprescindivel a sua ação em nosso meio, e se não fosse o dinamismo que o impulsiona, não seria possivel conseguir tal quantidade de produtos, mesmo porque não temos na Amazonia, nem sequer cultura de subexistência, e os resquicios se acham espalhados neste mundo, necessita da intromissão, a fim de alimentar as cidades. Graças ao Atravessador, homem que exerce uma das funções mais importantes no ambiente social amazonico, temos tido uma vida regular nas cidades quanto a alimentação.

Lembraremos também que em tempos idos, os atravessadores se caracterizavam como sonegadores dos impostos municipais, no momento atual, isto deixou de acontecer porque, o pagamento é efetuado dentro da lei, em periodos regulares.

Longe está a culpa desta em aumentar o custo de vida. O que sofremos é uma consequencia da crise geral, que também o atinge, obrigando-o a aumentar os preços de seus produtos, para poder viver. A culpa infrigida e ele pelos jornais, não é senão uma resultante destes disturbios gerais. Não se pode compreender, quando um corpo esteja em crise total, parte deste organismo e se conserva em seu estado originario sem sofrer a influencia.

Concluimos que a função social de aproximação exercida pelo atravessador é o élo que nos mantem ligados com as populações interlandinas, que cercam as nossas pequenas cidades.

Cortume Mago, Limitada

Os Maiores Curtidores de Couro de Jacaré

ESCRITÓRIO:
Rua Guilherme Moreira, 162
Telefone, 511
FÁBRICA:
Bairro de São Raimundo
Telefone 1970
MANAUS AMAZONAS

UMA VEZ — SEMPRE: LOIDE AÉREO

Viagens permanentes para o Rio, menos tempo, nos confortáveis C — 46, para 50 passageiros

INFORMAÇÕES

SOCIEDADE COMERCIAL DE REPRESENTAÇÕES, LTDA.

PRAÇA TAMANDARÉ, 641

Manaus Amazonas

enígenas, sem qualquer laço com o nosso pensamento. Dêste fato resulta, muita vez, a deturpação completa dos denominadores encontrados, nesses trabalhos. Porisso, acreditamos ser necessário a formação de uma elite iniciada nos assuntos da ciência do homem, em decorrência das necessidades amazônicas, a fim de que seja revelada a verdade social acêrca de nossas populações, por pesquisadores insuspeitos, irmanados por liames culturais ao homem do Vale.

Nesse sentido, o Club da Madrugada está forjando a coliminação dêsse objetivo, por intermédio de seus membros, dentro de uma nova dinâmica sociológica, consubstanciada nos processos analíticos e sintéticos de nossa realidade mesológica, em sua fonte. Erradicando, destarte, os trabalhos de gabinete que têm surgido sobre os nossos problemas, os quais falseam, despudoramente, a verdade cientifica e moral. Urge, portanto, o trabalho planejado e científico, olhando para o futuro, deixando de lado êste pragmatismo pernicioso, para nós, dos homens que se dizem práticos.

Economia: No Amazonas os estudiosos desta matéria são muito poucos e têm se colocado á parte, não tomando posição ante a renovação por meios culturais adequados que venham beneficiar nossa região. Estudos econômicos que se têm feito no Amazonas não procuram observar a realidade, apegando-se êstes a sistema geral, não penetrando na análise econômica . Essa deficiência de estudiosos do ramo da Ciência Econômica tem provocado, por parte dos administradores, atitude que em vez de incentivar a produção tem, aniquilado novos empreendimentos econômicos em detrimento de uma nova fase de desenvolvimento para o Vale.

O Clube da Madrugada estudará e pesquisará, por intermédio de seus membros, os problemas que mais afligem a nossa região, e que são resolvidos, comumente, por "jornalistas", sem conhecimento de causa, levando o povo a uma falsa orientação . Dependerá, sobremaneira, de estudos esclarecedores da materia, uma nova atitude governamental, em relação a assuntos econômicos ligados diretamente ao desenvolvimento da Amazônia . . Para êste fim, por certo, contribuirá uma elite realista, conhecedora dos verdadeiros problemas da terra.

Filosofia: Pouco existe no ramo, mesmo porque os homens de letras do Amazonas apegam-se, com impertinência, aos estudos acadêmicos da filologia, em cujo labirinto perdem-se, em prolongadas polêmicas, sem resultado algum. E quando encontramos indivíduo interessado nos estudos filosóficos, é apenas superficialmente, sem nenhuma profundidade, conhecendo, de soslaio, a história da filosofia. Existem poucos filósofos no Brasil, e no Amazonas nenhum . Contra êsse descaso levanta-se o Clube da Madrugada, procurando sistematizar um estudo dos princípios e fins do homem no Cosmo. Estudo êste direcionado nos métodos universitários de amplo debate, quando entra em especulação sistemas filosófiicos dos mais antigos aos modernos: sejam dos aleatas, jônicos, epicuristas, sofistas, espiritualistas, materialistas, aos marxistas, existencialistas e os neo-sistemas que têm aparecido. Demócrito, Epícuro, Sócrates, Platão, Plotino, Confúcio, Aristóteles Santo Tomaz de Aquino, Descartes, Kant, Hegel, Bergson, Kieerkgaard e tantos desfilarão nos seminários que pretende realizar êste movimento de renovação.

Esposando os princípios encimados e refutando o conservantismo rancoroso, o Clube da Madrugada tem por escôpo plasmar uma nova consciência pertinente à realidade brasileira. Desta assertiva queremos dirimir quaisquer resqüícios niilistas ou iconoclastas, mas, simplesmente, fazer ver aos nossos compatriotas que vivemos uma época de decrepitude senil. Dêste modo, somos contra a concepção de um *stato quo* estático. Nascendo desta premissa, a nossa compreensão dinâmica do processo histórico, determinando novas representações no pensamento humano, que se coadune com a evolução de nossas necessidades sociais. Lutamos, portanto, nesta segunda fase de nossa existência pela emancipação mental de nossa ideologia. Para o Brasil: artes, ciências sociais, sistema político e econômico eminentemente nacional, surgido da premência de nossa idiossincrasia. Esta nossa atitude, achamos conscientemente, não nos classifica como xenófobos. Pelo contrário, lutamos contra a xenomania de todos aquêles que advogam soluções literárias, políticas, econômicas e sociais com a já celebre sentença: *MADE IN...*

Esperamos, desde já, as compreensões dos homens de mentalidade abstrusa, que não tiveram capacidade intelectual para acompanhar a nossa evolução social. Porém, a êsses, haveremos arrostar os impecilhos levantados, com o idealismo moços que nos anima a encetar esta cruzada, com o objetivo sacrossanto dos jovens livres, qual seja a libertação do Brasil dessa visão daltônica dos dirigentes, em todos os setores, responsável por uma consciência amorfa, numa geração que se forma.

a) Saul Benchimol, Francisco F. Batista, Luiz Bacellar, Tufic Jorge, Carlos Farias de Carvalho, Moacir Couto de Andrade, Alfredo Campos, Teodoro Botinelli Assunpção, Afrânio Mavignier de Castro, Fernando Collyer, Humberto Paiva, Miguel Barrela, João Bosco de Araujo, Djalma Passos

POEIRA DE TÔDA PARTE

Cartas recebidas pelo nosso companheiro Jorge Tufic, firmadas por dois amazonenses, que há anos passados deixaram o Amazonas, para tentar a vida no Sul, dão-nos bôas novas. São eles Joaquim de Alencar e Silva e Guimarães de Paula. Ambos têm livros no prelo: o primeiro, no Rio, e o segundo em São Paulo, os quais virão a lume brevemente. A êsses amigos enviamos os nossos parabens, desejando-lhes êxito com essas publicações.

O escritor português, Ferreira de Castro, autor do consagrado romance "A Selva", está de viagem marcada para o Brasil, no ano vindouro de 1956, quando possivelmente, dará um pulo até aqui ao Amazonas para matar as saudades da região, que lhe inspirou aquêle romance, como também, para rever velhos amigos da terra.

Dentro de mais alguns meses, quando teremos acabado uma peça teatral, que um dos nossos membros está escrevendo, será fundado com a encenação da mesma, em Manaus, o Teatro da Madrugada,composto, exclusivamente, por gente pertencente ao Clube.Para êsse acontecimento, reina grande esperança para levantamento do teatro no Amazonas.

Morreu Léger, grande pintor contemporâneo que juntamente com Bonnard, Matisse, Kandinsky e outros, incansáveis trabalhos prestaram à pintura moderna. Fernnand Léger, "normando-noemando no físico e na severidade sã, pesada e brutal da sua arte", numa expressão dos redatores do "Jornal de Letras", expôs brilhantemente na III Bienal de São Paulo e tirou o Grande Prêmio Internacional que nenhum outro com tanta justiça merecia.

Segundo notícias provindas do Sul do País, aproximadamente no mês d enovembro corrente, terá início o novo concurso de poesia, anualmente instituido pelo "Jornal de Letras", dos irmãos Condé

Encontra- se à venda, em tôdas as livrarias de Manaus, o novo livro de poesia de Djalma Passos, incorporado às edições do Clube da Madrugada, iniciando uma série de publicações de seus membros. Êste novo livro do poeta Djalma Passos recebeu o nome de "Tempo e Distância".

Segundo fomos informados, em fontes fidedignas, o poeta Sebastião Norões estreará, brevemente, com um livro intitulado: "Posesia Frequentemente". Tal acontecimento, aguardado com desusado interêsse, deixa transparecer, patentemente, as qualidades verdadeiras do poeta da velha guardo do modernismo amazonense.

Esteve em Manaus, o poeta inglês Ronald Botrall, que pronunciou uma conferência no Colégio Estadual do Amazonas, sôbre a poesia moderna, na Inglaterra. Compareceram, na ocasião, vários intelectuais amazonenses, inclusivé alguns membros do Clube da Madrugada.

Recebemos a bem orientada "Revista da Amazônia' de Belém do Pará, correspondente ao mês de outubro passado. Nêsse número são apresentados diversos trabalhos de real importância, entre os quais figuram prosa e verso de membros do Clube da Madrugada.

Está à venda nas casas livreiras da cidade, o livro de autoria do Prof. Mário Ypiranga Monteiro, historiógrafo amazonense, versando sôbre a "Fundação da Capitânia de São José da Barra do Rio Negro".

A Revista Madrugada envia congratulações por mais êsse êxito alcançado para as letras amazonenses,, procurando aumentar o acêrvo histórico-geográfico da planície.

CERVEJA BOHEMIA ✦
✦ A PREFERIDA

Revista Madrugada

PUBLICAÇÃO DO CLUBE
DA MADRUGADA

DIRETOR: FRANCISCO F. BATISTA

REDAÇÃO
Rua Henrique Martins, 41 - Tel. 2236

Corpo Redacional

PARA ARTES:

Luiz Bacellar
Jorge Tufic
Fernando Collyer

PARASOCIOLOGIA, ECONOMIA
FILOSOFIA, GEOGRAFIA,
HISTÓRIA, E FILOLOGIA:

Saul Benchimol
Miguel Barrela
Francisco F. Batista

Número Avulso: Preço ..... Cr$20,00
Assinaturas: Anual ..... Cr$110,00
Semestral.... Cr$55,00

Pede-se permuta com revista brasileiras e estrangeiras

A direção da Revista Madrugada não se responsabiliza pelos conceitos emitidos, nos artigos assinados.

PUBLICAÇÃO BIMENSAL
ANO I.....NÚMERO I
NOVEMBRO DE 1955
MANAUS — AMAZONAS — BRASIL

Nossa Contracapa

Apresentamos, neste número de MADRUGADA, como nossa contracapa um trabalho em nanquim, do nosso associado Afrânio Castro, que serve de ilustração ao poema do poeta Luis Bacellar, publicado em outro espaço de nossa revista.

A referida ilustração do poema O GATO, num desenho cubista simboliza, mais de perto, os versos de Luis Bacellar, que transcrevemos abaixo:

O GATO permanece estático no tempo
e se faz dinâmico na memória
enquanto fumo o cigarro inglês:
esfinge —

É de se notar o trabalho do nosso companheiro Afrânio Castro que apresenta similaridade com a técnica do pintor espanhol Salvador Dali. Não se prendendo, todavia, estritamente àquele artista, mas criando uma técnica e concepção tôda sua que servem para aquilatar todo o seu talento.

Presentemente, Afrânio Castro, encontra-se na capital de São Paulo, para onde transfiriu-se em busca de aperfeiçoamento, como também, a procura de valorização para o seu trabalho, que aqui, em nossas plagas não encontra repercussão pela ausência de fundamento cultural daquêles que poderiam prestigiá-lo.

Com seu talento e capacidade de trabalho inexauríveis, temos certeza absoluta, da vitória significativa que Afrânio Castro alcançará na terra bandeirante. Ao nosso companheiro, portanto, os votos de felicidade, nessa senda difícil da vida do artista. Madruga da o abraço espiritualmente.

A DROGARIA FINK

TEM NA CERTA TUDO QUE OS MÉDICOS RECEITAM A PREÇOS RAZOÁVEIS.

Rua Marquez de Santa Cruz, 46/50

OLIVEIRA, BARBOSA & CIA LTDA

Representações . Conta Propria . Importação

Enderêço Telegràfico VICTORY

Telefone 1444

Caixa Postal, 264

MANAUS

Escritório e Vendas

Rua Guilherme Moreira, 187

Oficina

Avenida Borba 758

CENTRAL DE FERRAGENS, S/A.

Caixa Postal, 272—

Ender: Telegr Central

TELEFONE: 15-16

ARMAZEM CENTRAL

Casa de Louças e Cristais etc.

RUA MARECHAL DEODORO, 92 e 116

Em frente ao Correio

DEPOSITO

THEODURETO SUOTO, 135/137

A Caixa Econômica Federal do Amazonas

Paga os melhores Juros

Faça da Caixa o Seu Banco Preferido

Rua Guilherme Moreira, 356

Telefones 2223 e 2414

R. Pereira & Cia. Ltda.

Serraria:

Colônia Oliveira Machado

EXPORTADORES DE MADEIRAS SERRADAS E EM TÓROS

Escritório: Praça Nove de Novembro, 120

MANAUS AMAZONAS BRASIL

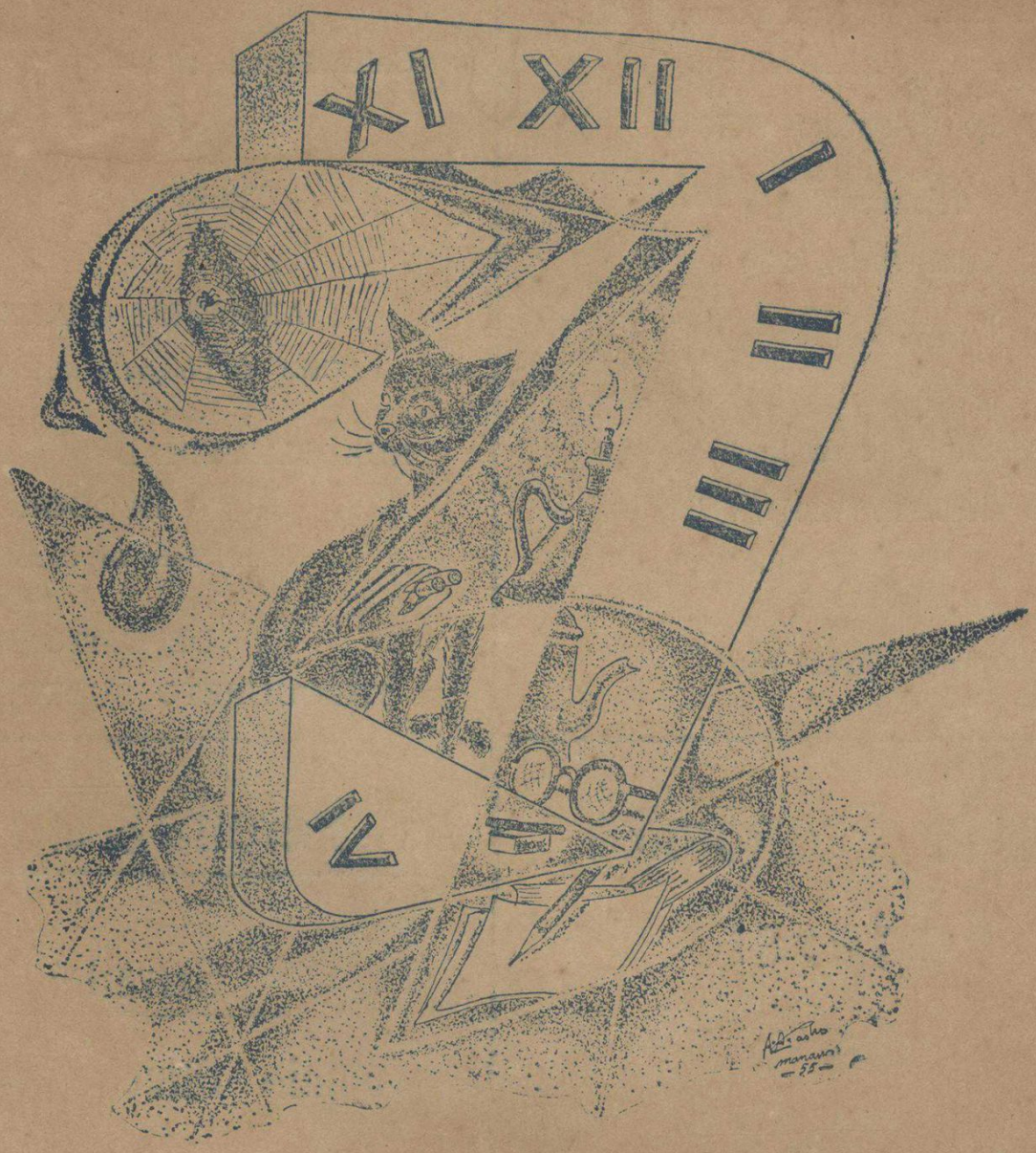

Ilustração de AFRÂNIO CASTRO

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura